

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO - Rua de Roma, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES - 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

2.º tenente Manuel Manso Lefèvre

O desditoso oficial de marinha foi hoje a enterrar
com uma grandiosa manifestação de pesar e de saudade

Foi o funeral dum marinheiro. Teve simplicidade e teve emoção. Não caíram apenas flores sobre a sua urna, mas também lágrimas e piedosas orações. O mar deu à terra o corpo esbelto desse rapaz, mas guardou-lhe a alma luminosa e pura, onde ardia a flama dos grandes sonhos.

No cortejo fúnebre encorpavam-se milhares de pessoas de todas as categorias sociais.

Os seus camaradas prestaram-lhe a guarda de honra, numa manifestação profunda de saudade, que constituiu também uma nobre e perfeita homenagem.

No Alto de S. João, o comandante Carvelho Crato despediu-se, em nome da Marinha de guerra, do seu gentil tenente. As suas palavras, repassadas da angústia dos grandes momentos, calaram profundamente no coração de todos, contraindo-os de dolorosa amargura.

Durante a noite

Durante a noite de ontem, velaram o corpo do desditoso tenente Manso Lefèvre, além de seus desolados pais, pessoas de família e amigos, as senhoras D. Elisa Carneiro Bordallo Pinheiro e filha, D. Raquel Teixeira de Queiroz de Barros, D. Germana Vieira Pinto, muitas outras senhoras, os nossos amigos srs. Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo Pinheiro, redactores e representantes de todas as secções do *Diário de Lisboa*.

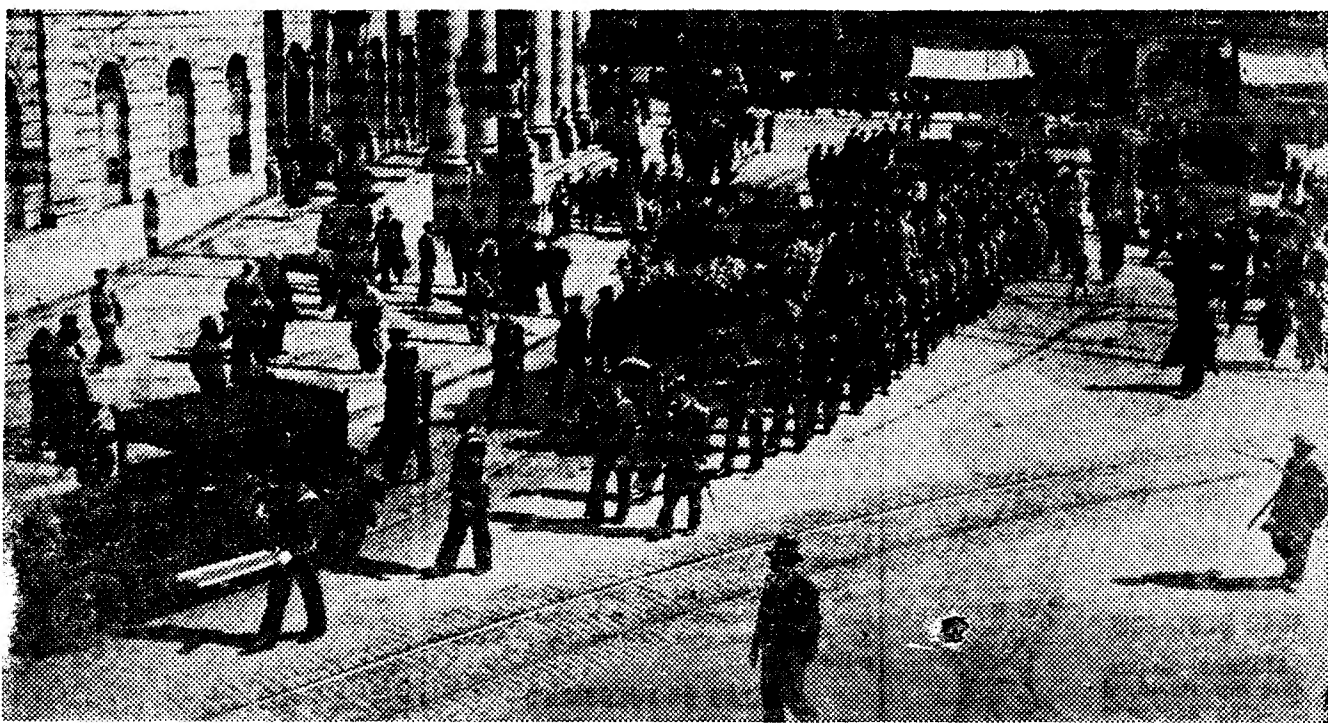
O comando geral da Armada autorizou, excepcionalmente, que as portas do Arsenal de Marinha estivessem abertas toda a noite, para as muitas pessoas que foram velar o cadáver do desventurado oficial. E a capela de S. Roque foram chegando outras coróas, além daquelas que vieram de Londres e das que já ontem mencionámos. Uma dos seus amigos srs. Hugo Sequeira, José Silva, Domingos Madeira, Salvador do Carmo, António da Cruz, Pereira da Costa, Torres de Carvalho e Eduardo Gomes; outra de seus tios, o tenente Alfredo Martins Fouto, o sr. João Martins Manso e D. Delfina da Conceição Fouto; uma coróá com sentida dedicatoria, de Filomena; e outra dos colegas do pai do extinto: drs. Acácio Furtado, Almeida Eusebio, António de Séves, Azeredo Perdigão, Bustorff Silva, Campos Coelho, Colares Pereira, Faco Viana, Fernando Martins de Carvalho, Leopoldo do Vale, Mario Monteiro, Orlando Marçal, Ramada Curto, Ricardo Mota, Sá Nogueira, Santos Lourenço, Saraiva Lima e Virgílio Baião.

A's primeiras horas da manhã começaram a afluír mais pessoas, muitas das quais se conservaram na capela de S. Roque até á hora da saída do funeral.

A saída do prestito

A's 11 e 40, a urna, coberta com a bandeira nacional, foi colocada no carro-automovel da Agencia Magno. Seguiam-na o reverendo Santos Nogueira, diversas pessoas da familia do extinto, officiaes superiores do Exercito e Armada, etc.

Eram 11 e 45 quando o cortejo se pôs em marcha.



O cortejo fúnebre ao passar no Rossio

A' frente e atrás do carro-automovel seguiam quatro filas de 6 marinheiros, sob o comando do 2.º tenente Garcia Braga.

No prestito fúnebre encorpavam-se mais de 100 automoveis, vindo-se em todas as ruas do percurso, desde o largo do Municipio, até ao Alto de S. João, muitas centenas de pessoas que se descobriam respeitosa e á passagem do corpo, que era acompanhado a pé por muitas dezenas de pessoas: parentes, officiaes da Marinha e do Exercito.

Na impossibilidade de darmos hoje nota das centenas de pessoas que estiveram na capela de São Roque e no cemiterio, publicamos a seguir os nomes de que conseguimos tomar apontamento:

Capitão-tenente Vasconcelos e Sá Ferreira, representante do sr. ministro da Marinha; capitão Carlos Gorgulho, representante do sr. ministro da Guerra; dr. João Monteiro de Mendonça, representante do ministro dos Negocios Estrangeiros; agente geral das Colonias, sr. Julio Calola, representante do sr. ministro das Colonias.

Almirantes Fernando Augusto Pereira da Silva, Sarmiento Saavedra, Augusto Osorio, João Augusto Muzanty, Sales Henriques, Julio Milheiro e Rodrigues Gaspar; comandantes Carvalho Crato, Pedro Rodrigues, Marcelino Carlos, Mendes Norton, Vilarinho, Freitas Morna, Jaime Couceiro, Galeão Roma, Manuel Possante, Jeronimo Bivar, Cisneiros de Faria, Macedo e Couto, Oliveira Pinto, Vicente Lopes, Santos Moreira e Justino Herz; 1.ºs tenentes Namorado Junior, Rodrigues Cosme e Ferreira Viana; 2.ºs tenentes Bernardino Nogueira, Jeronimo Jorge, Sales Henriques e Ferreira Diniz; engenheiro naval Avila de Melo e capitão Hortas, da Marinha Mercante.

Generais Amílcar Mota, Pereira Bastos, Ale-

xandre Malheiro, Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa.

Coroneis Correia dos Santos, Moreira, Lopes Galvão, representando a Sociedade de Geografia; Afonso Henriques de Sá Teixeira; tenentes-coroneis Barreto de Oliveira e Costa Junior.

Majores Alvaro da Salvação Barreto, Pinheiro Correia, Manuel Joaquim de Oliveira e Antunes Cabrita.

Aviadores: navais Gomes Namorado Junior, pelo Centro da Aviação do Bom Sucesso; Marcos Garin, Antonio Carrelhas, Jeronimo Jorge.

Eduardo Schwalbach, director do *Diário de Noticias*; Tito Martins, em nome do director de *O Seculo*, sr. João Pereira da Rosa; conselheiro Fernando de Sousa, director de *A Voz*; Diniz Bordallo Pinheiro, director de *O Jornal do Comercio e das Colonias*; Manuel dos Santos, pelo sr. dr. Marques Guedes, director de *O Primeiro de Janeiro*; e Alfredo Marques, em nome do director do *Jornal d' Noticias*, do Porto, sr. dr. Guilherme Pacheco.

Conselheiro Francisco Patricio, drs. Julio Dantas, Saraiva Lima, Carmo dos Santos, Alberto de Magalhães Barros, Alfredo de Magalhães Barros, representante da Sociedade Prala da Rocha; Caetano Belrão da Veiga, Constantino Fernandes, Hipolito Raposo, José de Figueiredo, Americo Chaves de Almeida, Francisco Velloso, que representava o dr. Nuno Simões; Jorge de Faria, Adolfo de Andrade, Jaime da Costa Pinto, Augusto Cunha, Caldeira Coelho, Rodrigues Cavalheiro, representando o vereador sr. Luiz Pastor de Macedo; Carlos Barbosa, por si e pelo Banco Pinto & Setto Mayor; Bernardo Gomes de Pinho, por si, pela casa Borges & Irmão e pelos seus gerentes; Mario Belão, Mario Monteiro, Alberto Cruz, Vasco Borges, João de Barros, Marcelo Caetano, Vergilio Correia, Salazar de Sousa, Santos Lourenço, Antonio da Fonseca, Vasco de Mendonça Alves, Carlos Salazar de Sousa, Barbosa de Magalhães, Vaz Ferrei-

ra, Emilio Patricio, Orlando Marçal, Tomaz Ribeiro Colaço Sá Nogueira, Manuel Barbosa, Samuel Maia, João Moreira de Almeida, João Mala, Sousa Costa, Silva Ramos, Castro e Almeida, Alberto Xavier, Eugenio Roseira, Santos Lourenço, Queiroz Velloso, José Gomes Mota, Sobral Cid, Antonio Joice, Emidio Mendes, Lino Franco, Feliz de Carvalho, Cassiano Neves, Brice Chaves, Frederico da Costa Pinto, Frederico Martins, Barros Marinhãs, Campos Coelho Ernesto Navarro, José de Faria, Antonio de Menezes, Henrique Patreira, Teofilo de Magalhães, Ribeiro Lopes, Xavier da Silva, Sousa Gomes, Mosés Amzalak.

Engenheiros José Castelo Branco, Gomes Meleiro, Fernando de Barros, Robin Rowell, da casa Hawthorn & Leslie, construtora do «Bartolomeu Dias», a cuja guarnição o tenente Manso Lefèvre pertenceria; Branco Cabral, José de Jesus Pires.

Engenheiro Antonio Maria da Silva, antigo presidente do ministerio; Guilherme Pereira de Carvalho, Antonio Maria de Oliveira Belo, João Calvet de Magalhães, Francisco Valença, José Campas, D. Antonio Alvito, Guilherme Filipe, Alfredo de Moraes, João Rodrigues, secretario da Escola Colonial; Artur Augusto Figueirôa Rego, D. Maria do Rosario Filipe de Carvalho, capitão Luiz Santana, Jacob Levy, Antonio José Bravo, Raimundo Alves, Acacio de Paiva, João Ferreira Leal, David Ezaguy, Fernando Bordallo Pinheiro, Xisto Carlos Ornelas, José Esteves Araújo, Julião Quintinha, Alfredo Pinto (Sacavem), representando a «Gazeta de Coimbra»; Romano Esteves, Abilio Magro, Portugal Ribeiro, Barros e Silva, Correia da Costa, Vitoriano Braga, David Ezaguy, Fernando Bordallo Pinheiro, Xisto Vale, João Lopes, Silva Costa, Belo Redondo, Pardal Monteiro, Diamantino Tojal, Bandeira de Taro, por si e pelo sr. Pedro Muralha; Carlos Meireles, Augusto Gomes da Costa, Eugenio Carlos Quinhones de Sá, Henrique Manuel Vieira, Sousa Neves, etc.

(Ver continuação na 5.ª pagina)

A este numero do «Diário de Lisboa», corresponde um suplemento literario de oito páginas

Amanhã: "O FIM DO MUNDO"

com o quadro novo
Porto moderno
e quatro grupos
de bailarinos internacionais

Em sessões, às 20,30 e 22,45

O Coliseu reabre já amanhã. É uma notícia tão grata ao público de Lisboa que o deixa logo ansioso pelo grande acontecimento, em que ha novidades que despertam a curiosidade e o interesse. O "Fim do Mundo", essa maravilhosa fantasia que já bateu o "record", de todos os êxitos e que continua em pleno sucesso, reaparece na noite de amanhã, em duas sessões, e notavelmente remodelada e ampliada. Um soberbo quadro novo intitulado "Porto moderno", que só por si vai justificar consecutivas enchentes.

Quatro grupos de bailarinos internacionais, seleccionados de entre os melhores do mundo: Hella & Eddie, curiosíssimos bailarinos modernos; Elsie & Woldo Moll, originalíssimos bailarinos excêntricos, Zigani-Spassowa, formidáveis bailarinos acrobáticos, Aida & Diamond, admiráveis bailarinos fantasistas. O melhor, mais deslumbrante, mais alegre e mais barato espectáculo.

PÉS DORIDOS



Alívio
em 3 minutos por este novo processo

Milhares de pessoas em Portugal já estão adotando este processo rápido e fácil de pôr termo aos sofrimentos dos pés. De, esta noite, um banho aos pés, melhorando-os simplesmente em água quente oxigenada com Saltratos Rodel. Toda a dolorosa sensibilidade desaparece imediatamente à medida que estes sais oxigenados penetram nos tecidos. Em 3 minutos ter-lhe-á saído todo o ardor e inchaço. Os calos amaciam a tal ponto que se podem tirar pela raiz, sem dor nem perigo. Depois, pode até usar calçado mais justo e andar todo o dia ou dançar toda a noite, sem o mais leve incomodo. Os Saltratos Rodel vendem-se com garantia e por uma bagatela em qualquer farmácia ou drogaria.

Fabricado no Laboratório Franco-Português, 67, Rua Dr. Álvaro de Castro—LISBOA—Vendas por grosso: Jules Deligant, Lda., Rua da Assunção, 88—LISBOA.

APOLO

A revista monumental

Zé dos Pacatos

é o acontecimento do dia, com

ADELINA DURÁN

A bailarina de A CARIOCA

No CAFÉ-RESTAURANTE "CHIC" ha as melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congêneres.

TEATROS E CINEMAS

"Nobre Povo"

Na revista de João Bastos, «Nobre Povo», em cena no teatro Variedades, estreou-se ontem um quadro de «music-hall», «Malaquias de palanques», em que se exibiram a bailarina Dorita del Monte, os «Três Diamantes Negros» e a orquestra hispano-americana «The Palomero Boys».

«Nobre Povo», depois do arranjo que sofreu após as primeiras representações, decorre com um belo movimento e tem condições de agradar que a impõem ao publico mais exigente.

Desempenhada por uma companhia em que abundam artistas de valor, a revista tem o merito de ser escrita com espirito e conduzida com inteligência por um comediografo que sabe do seu oficio.

O quadro que ontem se estreou alcançou um êxito lisonjeiro, tanto sob o ponto de vista artistico dos numeros que se exibiram, como da intervenção acertada e oportuna dos interpretes da revista, nomeadamente Nascimento Fernandes, que realiza em toda a peça um trabalho notavel, digno de um grande actor comico.

«Nobre Povo», com estes novos atractivos, merece prolongar-se ainda por largo tempo no cartaz.—N.

Alves da Cunha

É amanhã que reaparece no teatro da Trindade o eminente actor Alves da Cunha, que vai encarnar o protagonista da celebre peça de Bartolomeu Soler, «Don Imenso», que o actor argentino Enrique de Rosas interpretou entre nós.

O publico não se esqueceu ainda das inolvidaveis criações de Alves da Cunha na «Garra», no «Papá Lebonnard», em «Duas Causas», na «Fera», no «Paralítico» e em tantas outras peças que o consagraram, collocando-o na primeira plana dos nossos artistas teatraes.

O critico alemão Schlicht Brull, depois de assistir á representação da peça «Um homem», de Unamuno, no teatro Nacional, escreveu acerca do trabalho de Alves da Cunha:

«Voz de multiplas cambiantes, vigor, ternura, mascara colossal de expressão tragica e amorosa, e sobretudo um dominio absoluto da sua arte fazem de Alves da Cunha um artista mundial que honraria com o seu genio historionico qualquer cena europeia das mais exigentes».

«Don Imenso» vai ser um esplendido conjunto de representação e haverá um «fim de festa», em que tomam parte diversos artistas

Atrás do reposteiro

Os escritores Pereira Coelho, Matos Sequeira e João de Vasconcelos e Sá estão já concluindo a sua nova revista, para o Trindade, cujos ensaios, neste teatro, sob a direcção de Rosa Mateus, começam na proxima segunda-feira, para o corpo coral, constituido por 20 «girls» portuguesas.

A actriz Leonor de Ega vai ser convidada a interpretar, no teatro, o papel de Margarida, que acaba de realizar para o fono-filme As Pupilas do sr. Reitor, cuja peça se pensa em remontar brevemente.

Os espectaculos da companhia Maria Matos, em Elvas, no Teatro-Cine desta cidade, realizam-se nos dias 11, 12 e 13 do corrente, com as comedias O Senhor Professor, Onde estás, felicidade? e A Vizinha do lado.

Foi muito apreciada a secção carnavalesca do Primeiro de Janeiro sobre assuntos de teatro, da autoria do nosso camarada da-quele jornal, Mario de Figueiredo.

Dissolveu-se a companhia Hortense Luz, que realizou os seus ultimos espectaculos, no Carnaval, no teatro Garcia de Resende, terminando com «defeito» elevado a sua exploração pela provincia.

Seguiram para o Porto os srs. Artur Mota e Mario Pedro, empresario e secretario do teatro Carlos Alberto.

Já se não realiza o casamento dos dois artistas a que fizemos referencia e cujo enlace fora combinado recentemente no Porto.

Terminou o seu contrato com a empresa Lopo Lauer a actriz Maria Albertina, que vai ingressar numa das companhias de revista da empresa José Loureiro.

Entrou já em franca convalescença o actor comico Alvaro Pereira, que só reaparecerá na proxima primavera, numa companhia de revistas, em que vai interpretar o «ompere».

O bailarino português Janou está em negociações com o empresario Juan Carcellé, de Madrid, para a realização, em Espanha, de uma «tournée» de que farão parte o Trio Crêssy-Charles e Franck e a Orquestra Tipica Algarvia, sob a direcção do maestro Frederico Valerio.

Temos de novo, no Nacional, «O Solar

dos Barrigas», com Palmira Bastos, no primeiro papel, e Adelina Abranches, peça sublime de superior encantamento, e a primorosa revistazinha, em 1 acto, «Ondas curtas», cujo principal interesse reside na admiravel imitação de celebridades estrangeiras e de artistas portugueses, pelos elementos da companhia do Nacional.

Em pleno êxito, continua a representar-se, todas as noites, no Apolo, em duas sessões, a revista Zé dos Pacatos, com a bailarina Adelina Durán, introdutora em Portugal da dança moderna A Carioca.

Na «matinée» da moda que amanhã se realiza no Capitolio tomam parte os meninos Gonçalo de Sousa e Georgina de Souza, exímios concertistas de guitarra.

«O Fim do Mundo», a fantasia que mantém no publico o mesmo interesse e entusiasmo das primeiras apresentações, reaparece amanhã, no Coliseu, brilhantemente remodelada, com o novo quadro «Porto moderno», e quatro grupos dos mais celebres bailarinos internacionais, de diferentes generos de bailados.

Carlos Gardel, no Politeama

Carlos Gardel considerado como o melhor cantor de tangos já gravou para o fonografo mais de três mil canções.

Natural de Buenos Aires começou a exhibir-se com 16 anos de idade. Em 1925 estreou-se em Madrid, em 1929 apresentou-se pela primeira vez na tela em Luzes de Buenos Aires. De então para cá os seus triunfos não têm conto. Na sua ultima película Amar e Cantar que com êxito passou, ontem, no Politeama, Carlos Gardel canta primorosamente nove canções distinguindo-se em: Amores de Estudante, uma valsa; Mi Buenos Aires querido, tango; e, Criolita, deci que si, canção tipica argentina.

O Politeama, como é do conhecimento de todos, inaugurou uma nova tabela de preços bastante populares; por isso, esgotou ontem, antes de começar o espectáculo.



Carlos Gardel, Mona Maris e Vicente Padula

Em Hollywood fala-se, de novo, nos amores de Greta Garbo e de John Gilbert. Sentimento antigo que voltou a reviver. Como? Dizem que numa partida de tennis, em casa del Rio. Dizem...

Deve ter chegado já a Berlim o grande tenor Jean Klepura, a fim de interpretar o principal papel no filme de Carl Lamac, Le Chanteur d'une nuit. Nesta produção toma parte, tambem, Lucien Baroux.

Findo este trabalho, partirá para Hollywood, contratado, por dois anos, pela Paramount. É provavel, pois, que seja Ernst Lubitch o director das suas operetas animatograficas, com o que o celebre cantor só tem a ganhar.

O maior êxito deste inverno em New-York, segundo informam os jornais, é Imitation of Life, com Claudette Colbert.

André Lafaur e Elvire Popesco são os protagonistas dum filme de Lonio Vermeuil intitulado La Uraie Dora Nelson.

Consta que Lilan Harvey, recém-chegada da America, volta, novamente, a trabalhar nos estúdios de Berlim. O seu primeiro filme será uma opereta dirigida por Hans Martin.

Vamos a ver se ganha o tempo perdido, que bem precisa.

RUTHER.—É um preparado honesto e de garantia, para todas as pessoas que o usarem poderem atestar a sua eficacia.

A venda na Farmacia Portugal, Rua Augusta, 216

Chapeus de Pr mavéra

Apresenta, a partir do proximo sabbado, originaes modelos.

PEDROSA — R. do Ouro, 248

PROGRAMAS DE HOJE

TELEF. 27172

S. LUIZ

Hollywood em Festa
com Laurel e Hardy, Lupe Velez e um desenho colorido do Rato Mickey.

A's 21 e 30

Variedades:
Flemming e a sua Troupe

CENTRAL

Telef. 24381

Millonaria

por um dia

Realização de Capra com Mey Robson

A's 21 e 30

CONDES

T. L. F. 225:3

A LAGARTIXA

com Florella, Madeleine Ozeran e Andre Lefavre

A's 21 e 30

ODEON

Telef. 16 83

MOULIN ROUGE

A's 21 e 15

PALACIO

Constance Bennett

A's 21 e 30

Telef. 47163

POLITEAMA

16.04. 6305

O 3.º da Meia Noite

com George Rait e Olive Brock

Amar e Cantar

com Carlos Gardel

A's 21 e 30

PARIS

A CLEOPATRA

Um par de intrujões

Matinees ás 3.ª e 5.ª e tomas ás 3 h.

CAPITOLIU

O Rei dos Coracos

O mundo é m u

Bilhetes a 1\$60

TERRASSE

16.04. 6305

O 3.º da Meia Noite

com George Rait e Olive Brock

Amar e Cantar

com Carlos Gardel

As 21 e 15

Telef. 20917

LYS

16.04. 6305

Laarzan e Companhia

Loucuras de Amor

As 21 e 15

EUROPA

16.04. 6305

tu fui uma espiã

A mulher do meu noivo

As 21 e 15

ROYAL

16.04. 6305

Escandalos Romanes

com Eddie Cantor

As 21 e 15

JARDIM

16.04. 6305

A crise acabou

tu fui uma espiã

As 20 e 45

Teatro Nacional

Telefone 2 0379

HOJE (às 21 e 30) HOJE

A engraçada opereta em 3 actos de grande êxito

O Solar dos Barrigas

com ADELINA ABRANCHES
PALMIRA BASTOS

na sua extraordinaria criação

— Fecha o espectáculo —

a lindissima revista em 1 acto e 4 quadros

ONDAS CURTAS

com ADELINA ABRANCHES
AMELIA REY COLAÇO

e FRANCIS com RUTH WALDEN

e toda a Companhia

O CAFÉ-«CHIC» serve optimos bifes e esplendido café à chavena.

GIMNASIO A's 9 1/2

Emo, Erico Braga — Telef. 288:1
Com a presença de S. Ex.ª o sr. Enbaixador do Brasil
Apresentação de Procopio Ferreira
O maior actor brasileiro na grande comedia em 3 actos, de JOHANNY CAMARGO

DEUS LHE PAGUE...

Com Ester Leão, Alexandre de Azevedo e José Gambôa, nos principais papéis. Encenação de Lucília Simões. Cenários de Eurico Manzo

Domingo: 1.ª «Matinée», ás 3 h. 12. Bilhetes a venda

NOTÍCIAS DE SETUBAL

Desastre no rio Sado

SETUBAL, 6.—Hoje de tarde, quando o marítimo João de Lima, de 44 anos, tripulante do barco «Diligente», desta praça, pretendeu saltar para bordo de outro barco, caiu tão desastrosamente que fracturou um braço. Conduzido ao hospital da Misericórdia, foi pensado no respectivo banco.

Filha que maltrata a mãe

Queixou-se a Polícia desta cidade, Ludovina da Conceição, moradora na rua 25 de Março, contra uma sua filha, Floripes da Conceição, acusando-a de a insultar e de a ter agredido com uma dentada numa orelha.

Fogo posto

O agente da Polícia desta cidade Francisco Bacalhau, encontra-se em Alhos Vedros a proceder a investigações acerca dum crime de fogo posto, praticado na fábrica de cortiças do industrial daquela vila, sr. Manuel de Sousa Serra. Os prejuízos são calculados em 150 contos e a fábrica incendiada não estava no seguro.

Vida cultural

Como noticiámos, recomeçam hoje os trabalhos culturais nos «Estudos Sociais Económicos e Literários», interrompidos durante o Carnaval, sendo conferente, às 21 e 30 horas, o sr. dr. José de Bragança que, prosseguindo o curso da História da Arte, dissertará sobre «Arte Egípcia e da Ásia Anterior».

Esta lição, feita sob a égide da Sociedade Nacional das Belas Artes, realiza-se nas salas desta Sociedade, rua Barata Salgueiro, e será acompanhada de projecções luminosas.

Amanhã, à mesma hora, na praça Luiz de Camões, 46, 2.ª, fará o sr. dr. Macedo Mendes, mais uma lição do curso de «Problemas Internacionais» subordinada ao tema: «O imperialismo italiano e a questão da Abissínia».

O desafio Porto-Belenenses

Realiza-se, no próximo domingo, um combolo especial que deve transportar à capital do Norte as pessoas que desejarem assistir ao desafio entre o Belenenses e o Foot-ball Club do Porto para o Campeonato das Ligas.

A inscrição, ao preço de cinquenta escudos, está aberta na sede do clube e na sua sucursal à rua do Arco Bandeira.

Hoje, de manhã, seguiu no «rapido» para Espinho, onde se conservará em estagio até à data do desafio, a equipa do Belenenses, incluindo quinze jogadores efectivos e suplentes, entre os quais o conhecido guardarrédes José Reis.

GREMIOS REGIONALISTAS

Amanhã realizar-se-á na sede do Gremio de Trás-os-Montes o tradicional baile da «Pinhata», que a julgar pelos anteriores promete estar muito animado.

Contra o costume, este baile é grátis para os socios, havendo marcação de cadeiras.

Para satisfazer numerosos pedidos, a direcção do Gremio dos Açores resolveu realizar amanhã um deslumbrante baile da «Pinhata».

No dia 10, reúne-se a assembleia geral daquela agremiação para apresentação do relatório e contas da direcção e eleição de novos corpos gerentes.

Liceu Normal de Lisboa

Realiza-se amanhã, às 17 e 30, no Liceu Normal de Lisboa, uma conferencia pedagogica sobre trabalhos manuais nos ensinos infantil, primario e liceal, sendo relatores, respectivamente, as sr.ªs D. Irene Lisboa e D. Maria Laura Monteiro e os professores srs. drs. Avila Lima e Tulio Tomaz.

Gremio dos Pupilos do Exército

A direcção do Gremio dos Pupilos do Exército, atendendo ao exito obtido por ocasião das festas do Carnaval, realiza amanhã o baile da «Pinhata», na sua sede, rua de S. Pedro de Alcântara, 45, 1.ª, esq.ª. A marcação de cadeiras começa hoje.

"O TEMPO"

O jornal «O Tempo» anunciou ontem que suspendia a sua publicação, «omando o director e a redacção o compromisso de informar o publico das razões determinantes deste facto».

«RUTHER»—pelo seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tonificante, combate a Caspa e todas as doenças do couro cabeludo, facilitando ao mesmo tempo o crescimento do cabelo.

A venda na Drogeria Portugal, Avenida Almirante Reis, 65, F.

NOTÍCIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 6.—O Carnaval passou quasi despercebido entre nós. Pelas ruas vagueavam apenas meia dúzia de mascarados, e ao som de «jazzs» dansou-se animadamente no Centro Recreativo Pedro Alvares Cabral, do Monte, e no Teatro-Club de Pardelhas.

—Foi nomeado delegado do procurador da Republica na comarca de Oliveira de Frades, para onde partiu já, o sr. dr. Francisco Casimiro de Araujo de Sá.

—Na igreja matriz desta freguesia houve durante os três dias de Carnaval exposição permanente do S. S. com pregações pelo rev. Joaquim Teixeira Machado, abade de Moura, conchello de Felgueiras.

—Na casa da Junta, começaram os ensaios do Orfeão da Murtosa, que este ano vai colaborar nas cerimoniaes da Semana Santa.

—Um numeroso grupo de moliceiros e pescadores solicitou do sr. Antonio Gomes Moreira, cabo de mar, deste vila, a sua interferencia junto de quem de direito para que seja diminuido o tempo de defesa da pesca e da apanha do molho na nossa ria, pois assim se minorará a triste situação em que se encontram aquelas classes, já a braços com a miseria. Bom era que o sr. ministro da Marinha deferisse esta petição, pois a miseria é aqui muito grande.

Ecos do Carnaval

Na «matinée» infantil realizada na segunda feira de Carnaval na «Casa do Algarve», foram premiadas as seguintes crianças:

Helena Gutomar Lopes Vadre de Pina e Albuquerque, (Musa Grega); Sofia Domingos Guerreiro, (Noiva Russa); Maria Eugénia Taveira Cid, (Bailarina Russa); Alexandre José Gouveia Leite Ferraz, (Oficial Escocês); José Carlos Pinheiro, (Rato Mickey) e Antonio Baptista Macara, (Sultão).

Além das premiadas, apresentaram-se também com costumes interessantes as meninas Augusta Malheiro de Tavora Lobo de Miranda e Augusta Fernandes de Melo. A todas as crianças não premiadas foram distribuidas lembranças.

Dr.ª Maria Candida Parreira

No salão do convento da Encarnação, efectuou-se ontem à noite uma pequena sessão de homenagem à deputada sr.ª dr.ª D. Maria Candida Parreira, que ali reside ha 20 anos.

A festa foi organizada por uma comissão de senhoras, presidida pela comendadeira da Encarnação, sendo entregue a homenagem uma mensagem com grande numero de assinaturas.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30.—«O Solar dos Barri-gas».

Gymnasio—A's 21 e 30.—«Deus lhe pague».

Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45.—«Zé dos Pa-catos».

Variedades—A's 20 e 30 e 22 e 45.—«No-bre Povo».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.

Tivoli—A's 21 e 30.

Central—A's 21 e 30.

Politeama—A's 21 e 30.

Condes—A's 21 e 15.

Olimpia—Das 14 e 30 às 24.

Chitão Terrace—A's 21 e 15.

Capitolio—A's 21.

Royal-Cine—A's 21 e 15.

Palacio—A's 21 e 30.

Odéon—A's 21 e 15.

Jardim Cinema-21 e 30-Av. Alvares Cabral

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 30.000.000\$00

Séde — Rua do Ouro, n.º 30

LISBOA

Assembléa Geral Ordinaria

São convocados os Senhores Accionistas para reunirem em Assembléa Geral Ordinaria, na sede do BANCO, no dia 30 de Março, pelas quinze horas, a fim de discutirem e votarem o balanço, contas e relatório do conselho de Administração e parecer do conselho Fiscal relativos ao exercicio findo.

Lisboa, 6 de Março de 1935.

O presidente da Assembléa Geral

Companhia de Seguros Luso-Brasileira «Sagres»

Companhia Colonial de Navegação

Paquete João Belo

Avisam-se os Srs. Passageiros de que este paquete adiou a sua saída para o dia 11, 2.ª Feira, às 12 horas, devido ao mau tempo ter atrasado a chegada dos navios que transportam a carga de baldeação.

NOTÍCIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

O Carnaval

FIGUEIRA DA FOZ, 6.—Como nos anos anteriores, os folgedos carnavalescos só decorreram com animação nos teatros e nas diversas colectividades.

Nas ruas viam-se muitas crianças vestindo trajes regionais, um outro mascarado, e, nas principais arterias da cidade, grande numero de pessoas a ver que não se via nada.

Dispensario Anti-Tuberculoso

O edificio destinado ao «Dispensario Anti-Tuberculoso» que está sendo construido nesta cidade, por iniciativa da Junta Geral do Distrito, de que é presidente o ilustre medico sr. dr. Bissau Barreto, deve ficar concluido muito em breve. As suas instalações serão modelares.

Ponte Sul sobre o Mondego

Vão ser iniciados na segunda quinzena do corrente mês, os trabalhos da ponte sul sobre o Mondego, cuja construção, em cimento armado, foi adjudicada por quantia superior a dois mil contos, á firma do Porto Engenheiros Reunidos, Lda.

Esgotos da cidade

Tendo ficado deserto mais uma vez o concurso para a construção do colector geral dos esgotos, a comissão administrativa municipal vai proceder a esse importante melhoramento por administração directa.

Festas da cidade

As festas de S. João, que ha anos se não fazem e que outrora tiveram grande fama de norte a sul, do país, vão este ano realizar-se por iniciativa da actual Camara.

Inauguração dum marco fontenario

No largo do Jardim Colonial inaugura-se no proximo domingo, festivamente, um marco fontenario, importante melhoramento que de ha muito se tornava necessario na populosa freguesia de Belem.

Assistirão varias entidades officiaes e a cerimonia será abrilhantada pela banda da Sociedade Musical Cruz Quebradense.

Uma festa no Colégio Militar

Amanhã às 21 horas repete-se a festa dos alunos do 7.º ano do Colégio Militar, constando o programa da representação da revista «Melancia a Faca», seguida de baile que se prolongará até de madrugada e durante o qual haverá interessantes surpresas. Será servida cea as senhoras.

Quem quizer assistir, deve fazer quanto antes a marcação dos seus logares no Colégio Militar, pois a afluencia é grande e a festa promete ter o mesmo exito da primeira, realizada em 23 de fevereiro findo.

Desastre ou crime?

MURTOSA, 7.—Apareceu morto na ria, no lugar do Canto o arrais da Torreira João Vilarinho, conhecido pela alcunha de «João da Ana Tereza». Tinha 56 anos, era casado e primo do regedor da freguesia da Torreira. Suspeita-se de que tenha havido crime.

Ao Porto por 50 escudos

No proximo domingo 10, a C. P. realiza uma excursão á linda cidade do Porto por 50 escudos. A partida efectua-se cerca das 7 horas, do Rossio, sendo o regresso á noite.

Os amadores de «foot-ball» devem aproveitar esta excursão para assistirem ao grande desafio entre o Club Belenense e o Foot-ball Club do Porto.

BOLSA DE LISBOA

8 de março
CONTADO

VALORES	Enc. na	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923	1.115\$00	1.114\$00	1.116\$00
convert. em 4 3/4 % 1934	1.061\$00	1.061\$00	1.062\$00
Consolidado 5 1/2 % 1913	997\$00	997\$00	998\$00
4 1/2 % 1933	923\$00	922\$50	923\$00
4 % 1934	1.560\$00	1.558\$00	1.621\$00
Externo 3 % 1.ª Serie	1.580\$00	1.578\$00	1.581\$00
3 % 2.ª	—	—	—
3 % 3.ª	—	—	—
Emp. 4 1/2 % 1912	516\$50	516\$50	517\$00
6 1/2 % 1930-Consol	511\$00	511\$00	512\$00
6 3/4 % 1930-Portos	1.022\$00	1.021\$00	1.023\$00
6 % 1932	—	—	—
Accões			
Bancos			
Comercial de Lx.ª por	435\$00	—	438\$00
Lisboa & Açores	—	380\$00	385\$00
Portugal	—	—	—
Espírito Santo	—	608\$00	613\$00
C.ª de Seguros			
Bonança	—	—	7.0\$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	178\$00	178\$00	179\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	1.010\$00	1.050\$00
Lagos	—	750\$00	—
C.ª diversas			
C. P. ordinarias	—	—	100\$00
privilegiadas	—	—	—
Agua de Lisboa, port.	—	705\$00	730\$00
Cerveja Estrela	—	23\$50	23\$50
Cimentos de Leiria	680\$00	670\$00	684\$00
Credito Predial	—	27\$50	27\$70
Gaz e Electricidade	303\$00	302\$50	303\$50
Navegação	65\$00	64\$50	66\$00
Portugal e Colonias	62\$00	62\$10	62\$20
Portuguesa de Pesca	187\$50	187\$50	188\$00
de Tabacos	395\$50	395\$00	395\$50
Tabacos de Portugal	—	341\$00	350\$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	185\$00
Coloniaes			
Assucar d'Angola	528\$00	525\$00	528\$00
Busi-1.ª Emissao	—	38\$00	39\$00
2.ª	—	36\$00	37\$00
Iha do Principe	108\$00	107\$00	109\$00
Obrigações			
C. P. 6 oio	527\$00	526\$50	528\$00
Predias 6 oio-1932 1.ª	91\$00	90\$50	91\$20
7 oio	124\$00	123\$50	124\$00
U. Electrica Port. 7 1/2	—	129\$00	—
Busi 9 oio	—	119\$00	120\$00

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. João, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
London	110\$10	110\$20
Paris	1\$53,6	1\$53,8
Madrid	3\$18,8	3\$19,1
New-York	23\$02,1	23\$04,2
Amsterdã	7\$56,4	7\$57,1
Berna	1\$94,1	1\$94,3
Bruxelas	5\$43,4	5\$43,9
Frankfurt	5\$77,3	5\$78,7
Hamburgo	9\$37,0	9\$37,8
Praga	9\$8,1	9\$8,2
Rio de Janeiro	1\$47,6	1\$47,7
Libra ouro	—	—

Crime de morte

MARCO DE CANAVESES, 8.—Ontem, no lugar do Ladario, deste concelho, o trabalhador José Pereira, de 38 anos, assassinou a tiros de revolver o filho da sua amante, o carpinteiro Antonio Augusto de Queiroz, por este querer receber parte do produto duma venda de predios que aquela fizera.

Emissora Nacional

Encontra-se de passagem em Lisboa o celebre violoncelista russo Mischel Cheznivsky. Apesar do caracter particular e ocasional desta visita, a Emissora Nacional aproveitou o grato ensejo para contratar com o notavel artista um concerto que se realizará hoje, às 21 horas, nos seus estu-dios.

"MÊS DO GAZOFILACIO,"

Inaugura-se hoje, às 21 horas, no templo da igreja Evangelica Presbiteriana Portuguesa, rua de S. Bento, 636, com uma sessão solene, literaria e musical, o movimento chamado «Mês do Gazofilacio», que se seguirá todas as sextas-feiras, durante um mês. A entrada é franca.

Gremio Lirico Português

Amanhã, a tarde, recomeçam os «chás-concerto» do Gremio Lirico, que tão apreciados e distintamente concorridos são. No programa tomam parte alguns dos nossos mais distintos artistas liricos.

Bailes da Pinhata

Amanhã realizam-se bailes da Pinhata no Grupo Desportivo «Os Troze», na Casa de Pedrogão Grande e na Associação de Classe dos Vendedores nos Mercados de Lisboa.

REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.º — LISBOA

A Cidade

RESTAURANTE NACIONAL

R. DOS CORREIROS, 153-155
(ao lado da Casa das Bandeiras)

Almoços completos com pratos à escolha, vinho, fruta e café — 680. Jantares completos com pratos à escolha, vinho, fruta, doce e café — 880. Esmerado serviço a lista aos menores preços.

VIDA PARLAMENTAR

A Assembleia Nacional aprovou na sessão de hoje a proposta governamental que cria o Conselho do Imperio Colonial

Principiou pouco depois das 15 horas a sessão de hoje da Assembleia Nacional, a que assistiram 73 deputados.

Após a leitura do expediente, o sr. presidente leu um officio do presidente da Camara Corporativa em que, para evitar más interpretações, se diz que o parecer daquele organismo acerca da proposta relativa á «Reconstituição Economica» foi elaborado e aprovado antes da apresentação dum projecto sobre o mesmo assunto do sr. engenheiro Araujo Correia.

Informou depois o sr. dr. José Alberto dos Reis que tinha na mesa um pedido para o deputado sr. dr. Rodrigues de Almeida depôr como testemunha num julgamento no Porto e interrogou aquele membro da Assembleia Nacional sobre se ha ou não vantagens em ser concedida a autorização pedida.

—Não reconheço vantagem no meu depoimento— respondeu.

—Então proponho que se negue a autorização solicitada—disse o sr. presidente.

O sr. dr. José Alberto dos Reis declarou a seguir ter recebido uma proposta do governo que cria a representação diplomatica de Portugal na União Sul Africana.

Pedi depois a palavra o sr. dr. Vasco Borges:

—Pedi a palavra para solicitar uma informação, mas como necessito de preceder o meu pedido dalgumas palavras, quero dizer que sou inimigo da oratoria vazia de idéas, falha de alcance.

Com a sua voz sonora e energica, prosseguiu:

—Encontro-me ainda sob a emoção intensa que o espectáculo de ontem produziu em mim. E' que eu partilhei da emoção dos portugueses que assistiam á chegada do «Afonso de Albuquerque».

Outra frase:

—Mas esta hora gloriosa e feliz não se passou sem uma palavra dos systematicos demolidores do prestigio nacional.

Referiu-se depois á noticia publicada num jornal inglês a que se refere a nota officiosa da presidencia do Conselho, que os jornais da manhã inseriam, acrescentando:

—Essa noticia não pode passar sem um protesto nosso.

E com voz bem alta: A Republica tinha desde 1910 uma divida para com a Marinha de Guerra. Pagou-a o sr. dr. Oliveira Salazar, que vai tambem pagar a divida que a Republica tem para com o Exercito. (Apoiados).

E, por fim, disse o sr. dr. Vasco Borges:

—Quería perguntar se a delegação ontem encarregada de cumprimentar o sr. presidente do Conselho pela chegada dos dois novos navios de guerra, foi tambem incumbida de apresentar ao sr. dr. Oliveira Salazar os protestos da Assembleia pela referida noticia.

O sr. presidente esclareceu:

—Esse facto ainda não era conhecido ontem...

O sr. dr. Vasco Borges explicou que já antes do *Diário de Lisboa* ter publicado a noticia, algumas pessoas tinham conhecimento do facto, dizendo ainda:

—Proponho então que a mesma delegação transmita ao sr. presidente do Conselho os protestos da Assembleia Nacional.

O sr. dr. José Alberto dos Reis consultou sobre a proposta do sr. dr. Vasco Borges, que foi aprovada, e o sr. dr. Mario de Figueiredo disse:

—Proponho que se substitua a palavra protesto pela palavra desprezo.

Passou-se depois á Ordem do dia, constituída pela continuação da discussão da proposta relativa ao Imperio Colonial e pela apreciação das propostas que se referem á alteração da data para a «incorporação de recrutados e á urbanização da Costa do Sol.

A votação começou pela base VI, que foi aprovada com um aditamento proposto pelo sr. dr. Carneiro Pacheco.

A base VII foi aprovada com um aditamento do sr. dr. Aguedo de Oliveira e a VIII com uma proposta de emenda do sr. dr. Carneiro Pacheco.

A base IX foi aprovada com um aditamento do sr. dr. Francisco Machado.

As restantes bases foram aprovadas com a redacção da proposta.

Passou-se a seguir á discussão na generalidade da proposta que altera a data da incorporação de recrutados.

O sr. Melo Machado declarou parecer-lhe infeliz a alteração proposta, visto que, se fosse aprovada, se privaria a lavoura, num periodo activo, de braços valiosos e se impediam os camponeses de ganhar o seu pão, justamente na altura em que melhor o podiam fazer.

Subiu depois á tribuna o sr. general Schiappa de Azevedo, que manifestou a opinião de que o caracter permanente da proposta é inconveniente e enviou para a mesa um documento propondo que se altere o corpo do artigo em discussão de forma a aplicar-se este ano, isto é, a fazer-se a incorporação dos recrutados de 25 a 30 do corrente.

Propôs tambem o aditamento dum paragrafo no sentido de que as praças do quadro permanente das unidades, formações e estabelecimentos militares sejam licenciadas no dia immediato ao de serem dados como e 18.

Reuniram-se tambem hoje as secções 15.ª (interesses espirituais e morais) e 16.ª (ciencias, letras e artes) para estudo do projecto sobre «asilos agricolas» intervindo nos trabalhos os srs. drs. Carneiro de Mesquita, Carlos de Azevedo Mendes, Julio Dantas, Duarte de Oliveira e José de Figueiredo; Tertuliano Marques e Ivo Cruz e D. Maria José Novais.

Em conjunto reuniram-se igualmente as secções 15.ª e 22.ª para estudo do projecto sobre «Junta das Missões» e 22.ª e 18.ª para o estudo de alterações ao Acto Colonial.

Reuniu-se isoladamente a 16.ª secção que estudou o projecto sobre «Ensino tropical».

Foram convocadas para depois de amanhã as secções, 13.ª, 10.ª, 13.ª, 23.ª e 18.ª.



O tenente-coronel aviador do Exercito brasileiro, sr. Angelo Mendes de Moraes, que se encontra em Lisboa, onde veio propositadamente para assistir á largada do avião «Salazar», depôs hoje um ramo de flores no monumento aos Mortos da Guerra, na avenida da Liberdade. O ilustre official, que era acompanhado pelo pessoal da Embaixada do seu país, era aguardado junto do monumento por varias entidades officiais, entre elas os srs. tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais, capitão Santana, major Pinheiro Correia, tenente Costa Macedo, etc.

Hoje no TIVOLI: ás 9,30, o celeberrimo

CÔRO DOS COSACOS DO DON

dirigido por SERGE JAROFF

Amanhã: Segundo e ultimo concerto dos COSACOS

O actor Procopio Ferreira

fala-nos da sua estreia

e da peça «Deus lhe pague»

E' finalmente hoje a estreia de Procopio Ferreira, no teatro do Gimnasio, com a comédia «Deus lhe pague», do escritor brasileiro Joracy Camargo.

Sabe-se que Joracy Camargo é o autor predilecto do grande actor que o publico de Lisboa vai conhecer esta noite. Identificado com a sua obra, ninguém melhor do que o interprete para falar da peça da sua apresentação.



PROCOPIO FERREIRA

Fomos, por isso, ouvir Procopio Ferreira, que amavelmente nos disse o seguinte sobre «Deus lhe pague»:

—«Deus lhe pague», antes de mais nada, é uma peça profundamente humana. Produto de uma ansiedade universal, pode-se dizer que correspondeu plenamente ás preocupações ambientes, quando Joracy Camargo, com a firmeza a que já nos habituára em trabalhos anteriores, respondeu a uma série de perguntas que um longo periodo de transição suscitara ás colectividades, cada qual em seu sector.

«Daí, a meu vêr, o êxito, por assim dizer, diferente, alcançado pela comédia. A amplitude da sua concepção deu-lhe um aspecto panoramico da vida moderna, impedindo, assim, que a classifiquemos neste ou naquele genero, ou que a enquadremos nesta ou naquela escola ou ideologia. Todos os problemas humanos, abordados pelo autor são tratados sem a preocupação de impôr idéas ou teorias. Por outro lado, a nova tecnica empregada favorece sobremodo o desenvolvimento dos temas, que são multiplos, mas subordinados a uma necessaria e atraente accção teatral. Confio, portanto, no êxito de «Deus lhe pague», não só firmado no valor da peça, mas certo de que a sua apresentação muito lucrará com a solida e organizada cultura do publico que frequenta o bom teatro em Lisboa.

Um homem carbonizado

num incendio

SANTAREM, 8.—Hoje de madrugada manifestou-se em Villa Moreira, concelho de Alcanena, um violento incendio, provocado por uma explosão de gasolina.

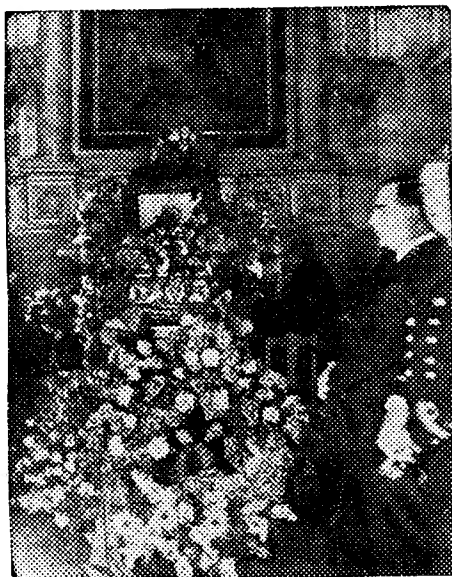
No rescaldo foi encontrado um cadaver completamente carbonizado e irreconhecivel. Além do causador involuntario do sinistro, o «chauffeur» Francisco dos Santos Mendes, ficaram muito queimados, tendo que recolher ao hospital de Alcanena, José Constantino Duarte, Luiz Fernandes, Antonio Coelho Raposo, Manuel Domingos Antunes, Gil dos Santos Boleiro, José dos Santos Cardoso e Antonio Francisco Neto.

Os estragos materiais são importantes. Acudiram os bombeiros de Santarem e Torres Novas.

Fitas e papeis chimicos
para maquinas de escrever
e reparações garantidas
— CASA ANÃO —
Rua dos Fanqueiros, 376-2.º
Telefone 2 8155

A Cidade

Escrita á Maquina
Ensino individual, no nosso escriptorio.
Habilitação completa 100\$00
ou mensalidade desde 30\$00.
Aluguer de maquinas á hora
ESCOLA COMERCIAL PORTUGUESA
POR CORRESPONDENCIA
Rua do Arsenal, 54, 3.º-LISBOA



Um aspecto da camara ardente na capela de S. Roque

(Continuação da 1.ª pagina)

Antonio Lopes Ribeiro, por si e pela agencia H. da Costa; Vitorino de Oliveira, Mario Azenha, Felix Ribeiro, Antonio Magalhães Barros, representante do «Diário do Alentejo»; conde de Pinhel, Rui Correia Leite, em nome de seu pai sr. Arlindo Correia Leite; Georges Leloirain, da Agencia Havas; Manuel da Cruz, Oldemiro Cesar, Camilo Farinhas, Carlos Silva, Domingos Bertrand, Antonio Damiao dos Santos, Horacio Damiao dos Santos, Francisco José e José Francisco Ricardo Domingues, José Crisostomo Teixeira, professores Carlos Santos, Antonio Pinheiro, Artur Trindade e Luiz de Freitas Branco, Amarelhe, Almeida Santos, Guilherme Cardim, Stuart Carvalhais, João Paulo Freire, Caiola Zagalo, Luiz de Montalvôr, Roque da Fonseca, capitão-aviador Cabrita, Carlos Ribeiro, Diogo de Macedo, José de Lemos, Santos Cravina, Alvaro Contreiras, Carlos Ramos, João Saraiva, Alexandre de Almeida, João Braz, pela «Cidade», pelo sr. Raul Esteves dos Santos e pelo antigo deputado sr. Marques de Azevedo; Ricardo Covões, D. Maria Candida Correia de Oliveira, Nogueira de Brito, condessa Mornati Trindade, Joaquim Paço de Arcos, Santos Vieira, Julio Santos, por si, pela empresa do S. Luiz Cine e pelo sr. João Ortigão Ramos; João Augusto Barnabé, Antonio de Andrade, Lucio Heitor, antigo chefe da Policia Maritima; Vitor Lopes, Alvaro de Andrade, Adelina Abranches, Luiz Machado Pinto, director da Assistencia Publica; Magnus Bergstrom, Abraham Zagury, em nome da Vickers e do seu director «sir» Charles Craven; José Contreiras, Antonio Silva, Bernardino Martins de Almeida, Daniel Lopes, Antonio Mendes dos Santos, da «Junção do Bem», que se fazia acompanhar algumas pequenas protegidas por aquela instituição; D. Sara Schultz Correia, Jorge Saramago Simões, José Manuel Salgado, Alfredo Pinto, José Parreira, Palmira Torres, Antonio Manzoni Sequeira, Mauricio de Oliveira, por si e pelo sr. dr. Lorena Santos; Rodrigues Laranjeira, Robles Monteiro, Henrique Monteiro de Mendonça; directores da Associação Industrial Portuguesa, srs. José Maria Alvares, Albano de Sousa, Ernesto Santos Bastos e Miguel Trancoso; Madame Candido Bermudes, D. Elisa de Vasconcelos, D. Maria Guilhermina de La Grange, D. Vitoria de Jesus Santos, Heitor de Almeida, capitão José Lopes, D. Laura Felgueira, Estevão Pimentel, mestre de armas Carlos Gonçalves, por si e pela sua sala de armas; Luiz Gama, Fausto de Figueiredo, Manuel Francisco Baptista Morgado, Alvaro de Lacerda, Mimoso Moreira, Aquilino Ribeiro, Antonio Maria Pereira, William Stillwell, Estevão Amarante, Augusto Pina, conde de Mafra, Seixas Pereira, Amelia Pereira, architectos Rebelo de Andrade, Maximiano Alvares, Geraldo de Magalhães, Vieira da Rosa, Magalhães Domingues, João Martins Casal, pela Associação Commercial de Lojistas; Sousa Lopes, Frederico Burnay, Joaquim Paço de Arcos em nome de seu pai, o chefe da missão naval em Inglaterra; comandante Correia da Silva (Paço de Arcos), Nascimento Fernandes, Aurelio Neto, Francisco Marques, Antonio de Matos, José J. dos S. Segurado, Abilio Magro, Ernesto Zenoglio, conde da Anadia, Robles Monteiro, Amelia Rei Colaço, Virginia Vitorino, Fernando Bordallo, professor Varela Cid, Manuel Ortigão Burnay, José Antonio Correia, Rafael Ribeiro, Luiz Lupi, por si, pela Socie-

O funeral do tenente Manso Lefèvre constituiu uma imponente e sentida manifestação de pesar

dade Propaganda de Portugal e pelo sr. Eduardo Neves; Fausto Vilar, Manuel dos Santos, pelo Sindicato dos Toureiros; Ernesto Simões, Antonio José Correia, Jaime Silva, Jaime Silva (filho), Luciano Moreira, Alberto Mera, conego Martins Pontes, Pires Avelanoso, que representava o capitão Salvador Teixeira, governador civil de Bragança.

Ainda o fim do cortejo ia no Terreiro do Paço e já o carro funerario passava o Rossio. Isto dá bem a idéa da grandiosidade do prestito que por deferencia especial do sr. general Daniel de Sousa, presidente da comissão administrativa da Camara Municipal, pôde subir a avenida da Liberdade pela parte central.

No Alto de S. João

A' porta do cemiterio do Alto de São João, via-se formado um pelotão de guarda de honra de artilharia naval, com a respectiva banda, comandado pelo 2.º tenente sr. Ornelas e Vasconcelos.

A Escola Profissional D. Maria Pia, —onde a mãe do infortunado official é professora—estava representada por 50 alunos dirigidos por um prefeito—



O comandante Carvalho Crato falando no cemiterio

que já se haviam conservado algum tempo no Arsenal de Marinha.

Eram 13 e 15 quando o corpo chegou, á porta do cemiterio. A banda tocou uma marcha funebre, sendo a urna tirada do carro automovel para uma carreta por um grupo de officiaes inferiores da Escola de Artilharia Naval, enquanto o pelotão fazia as descargas da ordenança.

Depois da encomendação da urna, na capela, o cortejo dirigiu-se para o jazigo da familia do extinto.

O discurso do comandante Crato

O sr. capitão de mar e guerra Carvalho Crato, director do Material de Guerra Naval, visivelmente comovido, pronunciou o seguinte discurso:

«Meus senhores e minhas senhoras:

E' com a maior mogua e um desgosto profundo que venho prestar o meu preito de saudade por um bom camarada que desaparece. Vou dizer apenas algumas palavras cheias de sinceridade e de saudade, proprias de marinheiros que expõem constantemente a vida na triste labuta do mar e que, em palavras rudes mas sinceras, costumam dizer o que sentem.

Lastima a corporação da Armada a perda

dum dos seus elementos novos de maior valor. Todos os seus camaradas, velhos e novos, se curvam perante este moço que soube dignificar a farda da marinha, procurando engrandecê-la pelo trabalho, pela intelligencia e por uma larga cultura intellectual. Ainda que com pouco tempo na corporação, contava em cada official um amigo, uns estimavam-no pelo conhecimento directo, outros apreciavam-no pelo conhecimento dos seus trabalhos. Era duma simplicidade, propria das grandes almas, excelente camarada, imensamente simpatico a todos.

Hoje viemos aqui, nós, os companheiros de tenente Manso Lefèvre, para cumprirmos o sacratissimo dever de acompanhar ao seu ultimo descanso o amigo querido, o companheiro correcto, leal e valoroso que o Destino quiz que desaparecesse do nosso convívio. Quem conheceu o tenente Manso Lefèvre não poderá ficar insensível a dôr profunda dos seus camaradas que, em rotagem sincera, vêm aqui dizer-lhe o ultimo adeus.

Agora que a nossa Marinha de guerra, depois de ter caído num grande abatimento, vê o seu proprio ressurgimento e que tantos elementos de valor e de estudo são precisos para uso e aproveitamento do material moderno, é que desaparece um dos seus elementos melhores e de quem muito havia a esperar.

Desde a escola, o tenente Manso Lefèvre manifestou as suas qualidades excellentes de estudo, especializando-se mais tarde em uma Escola Naval inglesa, como official artilheiro, e sempre mereceu as maiores e melhores referencias e elogios dos seus mestres nessa escola, onde são pouco prodigos em referencias elogiosas.

Na vida de bordo, o bom tenente Manso Lefèvre manifestou sempre o que era de esperar do seu espirito superior, correcção, lealdade, excellencia de caracter e bellissima camaradagem.

Era um bom, sem um só inimigo, afavel, simpatico e com uma só divisa trabalhava para honrar a Patria e a corporação a que pertencia.

Pronuncia estas singelas palavras: um official da velha guarda, que sabe apreciar todos os novos que, cheios de orgulho pela sua corporação, professam por ela a maior veneração e respeito que se traduz pelo estudo de tudo quanto interessa á sua profissão.

Assim é, que tive o prazer de ler e aprender, e acentuo bem a palavra aprender, nos relatorios que o tenente Manso Lefèvre enviava da sua missão em Londres.

Em todos esses relatorios havia a apreciar a correcção e clareza da exposição com que tratava todos os assuntos verdadeiramente praticos que podiam interessar á Marinha de guerra e em especial á artilharia.

Não pretendo demorar estas palavras, pois todas as pessoas que aqui se encontram estão sob o peso angustioso duma dôr imensa que a todos nós atormenta, ao verificarmos a perda dum ente querido. Desejo, porém, em nome da direcção do Material de Guerra, a que os trabalhos do tenente Manso Lefèvre mais directamente diziam respeito, fazer sentir o nosso profundissimo desgosto pela sua perda irreparavel e que se algum lenitivo pode ter um pai que perde o filho querido é aquele de ver que uma corporação inteira, os velhos e os novos officiaes, prestam a sua derradeira homenagem de saudade a um companheiro que desaparece e que tanta falta faz».

Dirigiram o funeral o segundo-tenente maquinista sr. Alfredo Martins, tio do falecido official, e os srs. Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo Pinheiro.

Este ultimo representava os srs. conselheiro Martins de Carvalho e dr. Augusto Vaz.

Prisão movimentada de quatro vigaristas

Na terça-feira de Carnaval, umas mulheres que estavam conversando na Costa do Castelo repararam, a certa altura, que quatro individuos insistiam com um velhote, procurando convencê-lo de qualquer coisa que não se percebia o que fosse.

Intrigadas com o caso, como nessa ocasião passasse um marinheiro, as mulheres chamaram-lhe a atenção para a impertinencia dos desconhecidos, os quais, ao perceberem que estavam sendo vigiados, delataram inesperadamente a correr, rua fóra, perseguidos pelo aludido marinheiro e por varios populares.

Três deles foram presos na rua da Madalena, conseguindo o outro escapulir-se.

Um dos fugitivos, no momento da captura, arremessou ao chão uma corrente e um relógio. Uma vez no hotel, averiguou-se que se tratava de Lino Ernesto Freire, conhecido pela alcunha de «Portugal», com 21 prisões por furto, Eduardo Esteves Alves, com 25 prisões, e Canuto Gaspar da Silva, com 15 prisões.

O outro, o que conseguira escapar aos perseguidores, apresentou-se mais tarde no Governo Civil com uma manta para entregar aos seus colegas, e foi então preso.

Chama-se José Martins Correia e tem no cadastro 18 prisões, igualmente por furto.

Interrogados pelo agente Falasca, declararam ignorar a quem pertencem a corrente e o relógio que haviam deixado fóra.

A Policia, porém, averiguou que eles roubaram os aludidos objectos a um individuo a quem impingiram o «conto do vigario».

Os presos vão ser julgados no Tribunal dos Pequenos Delitos, como vadios.

O PORTO pelo telefone O funeral do bombeiro

PORTO, 8

Com grande imponentia está-se realizando o funeral do bombeiro voluntario do Porto, Teodosio de Faria Junior, vitima do lamentavel desastre de domingo de Carnaval. Dada a escassez de tempo para a transmissão desta noticia, impossivel se nos torna detalhar o que está sendo aquela manifestação funebre que é das maiores realizadas nesta cidade.

Cerca de cinquenta corporações se fizeram representar, enviando os seus pliegos, bandeiras e viaturas. Do Porto, estiveram presentes todas as corporações de bombeiros e a Cruz Vermelha.

E de Lisboa, fizeram-se representar a 1.ª, 2.ª e 3.ª secções de voluntarios, e a Cruz de Malta. Pelas ruas do percurso, uma enorme multidão aguardava a passagem do cortejo funebre, vendo-se muitas senhoras chorando.

No templo da Trindade, que estava repleto, apenas entrou uma pequena parte das pessoas que constituíam o acompanhamento. Entre numerosas senhoras que ali estavam orando, encontrava-se a actriz Beatriz Costa que veio expressamente a esta cidade assistir ao piedoso acto. As numerosas listas de assinaturas, foram cobertas em breve tempo com os nomes de pessoas de todas as categorias sociais.

Os pronto-socorros transportavam grande numero de coroas e ramos, seguindo num dos carros dos Portugueses os voluntarios desta corporação que foram vitimas do mesmo desastre e que ainda se encontram em tratamento.

Um furto de 150 contos

Os agentes Robalo e Vasconcelos estão procedendo a investigações, em S. João da Madeira, acerca de um furto de 150 contos feito á firma Gomes & Correia da mesma localidade.

Evasão de presos

Evadiram-se da cadeia de Sintra os reclusos Carlos Lopes, Augusto Pereira, Manuel Pinheiro, Manuel Pedro e Manuel Felix.

As mais lindas flores naturais
são da

CASA PARIS-CHIADO
R. GARRETT, 64

Mundano

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Luíza Beirão da Veiga, D. Joana de S. Mamede Teixeira, D. Maria Izabel Reynolds Graça Zagalo, D. Francisca Mafalda de Mendonça Oom, D. Maria Inocência Fiuza Perestrelo, D. Florbela Judice de Aguiar Worm, D. Maria de Lima Mayer Ulrich, D. Maria Clara Roquete Viana, D. Tereza Pereira da Silva (Bertiandos) D. Izabel Tameirão (Valado), D. Maria do Carmo Crespo de Sampaio, D. Beatriz Maria Nobrega da Silva, D. Maria do Carmo Sepúlveda de Figueiredo Abranches e D. Julia Sousa Lobato.

CASAMENTOS

Realizou-se na paróquia de Santa Justa e Rufina, o casamento da sr.^a D. Mi-quelina Augusta Flor de Magalhães, filha da sr.^a D. Maria Candida Flor de Magalhães e do sr. Bartolomeu Pinto de Magalhães, secretário da Câmara Municipal da Guarda, com o alferes do secretariado militar sr. Eloi do Nascimento Saraiva da Mota, filho da sr.^a D. Maria da Piedade Saraiva da Mota e do sr. Joaquim Mota, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Lucia Saraiva Flor, tia da noiva e D. Aida Saraiva da Mota, irmã do noivo e de padrinhos os srs. José Augusto Coelho Flor, tio da noiva e o professor Americo Marinho.

—Na paróquia igreja dos Anjos realizou-se o casamento da sr.^a D. Otília dos Anjos Mendes Cardoso, interessante filha da sr.^a D. Eugénia Mendes Cardoso e do sr. Antonio Alberto Cardoso, com o sr. José Coutinho Garcez, filho da sr.^a D. Zulmira Coutinho e do sr. Joaquim Pereira Garcez, já falecido.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo, a mãe e seu irmão, o sr. Francisco Coutinho Garcez.

Finda a cerimonia religiosa foi servido em casa dos pais da noiva um fim de tarde da Pastelaria «Versailles», seguindo depois os noivos para o Estoril a passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido grande numero de prendas.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril

Amanhã á noite, volta decerto a ser o salão do restaurante do Casino Estoril, o ponto de reunião da nossa melhor sociedade, visto realizar-se o tradicional jantar de gala, dos sábados, seguido de baile da «Pinhata», durante o qual se ouvirão varios numeros de variedades, e será abrihantado pela eximia orquestra «jazz-band» Portugal.

EM VIAGEM

De Coimbra, onde estiveram passando o carnaval no Hotel Astoria, regressaram no seu automovel, á sua casa na capital, os srs. condes de São Tiago.

—Acompanhada de sua irmã a sr.^a D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, que se encontra em franca convalescença da operação a que se sujeitou, no hospital da Universidade, feita com muito exito pelo illustre cirurgião professor sr. dr. Bissau Barreto, regressou ontem no rapido da noite de Coimbra, a sr.^a D. Maria Luíza de Borja Trindade.

RUTHER.—E' o unico tonico que alimenta o Bulbo piloso devido á sua esmerada preparação, não contendo precipitado, e uma das bases principais é o enxofre. Agradavelmente perfumado, de aspecto atraente, o **Renovador RUTHER** difere de todos os produtos similares actualmente no mercado, quer nacionais quer estrangeiros, não só pela sua magnifica preparação como pelos seus esplendidos resultados.

A' venda na **Drogaria Açoreana**, de **Ferreira & Ferreira, Lda.** Rua da Prata, 99-101.

VINHO DE COLARES
VIUVA GOMES
A MARCA QUE OS NOSSOS
AVÓS JA PREFERIAM
VENDE-SE EM TODA A PARTE

PRAIA DA ROCHA
S. A. R. L.

Convocação Assembleia Geral Ordinária

Nos termos do art.^o 19 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral ordinaria, para o proximo dia 25 de Março, pelas 15 horas, na Sede da Casa do Algarve, a rua Santa Marta, 61, a fim de apreciar o Relatório da Direcção, o Parecer do Conselho Fiscal sobre as contas do ano findo, para a eleição de novos corpos gerentes, e para apreciar uma proposta do Conselho de Administração, tendente á conclusão do Hotel. Caso não haja numero, para a Assembleia funcionar, desde já fica convocada nova reunião para o dia 10 de Abril proximo, no mesmo local e hora, e para o mesmo fim.

Lisboa, 8 de Março de 1935.

O Presidente:
Miguel Crespo

Sem comentarios:

ADLER TRUMPF

O vencedor das curvas 1,7 LITRO BERLIN-PARIS

em 15 horas, 29 minutos

Conseguiram esta nova proeza o sr. Guilherme e a sr.^a Lotta Bahr, conseguindo assim obter a extraordinaria media horaria de 70,850 Klm.



**Nova
Remessa
— em —
Exposição
— no —**

Agente: **José Cruz Alves da Silva 50, Avenida da Liberdade, 52 — LISBOA**



Porquê?
Dôres de ouvidos Nevralgias São dôres insuportáveis. Mas V. Exa. tem um remedio facil, completamente inofensivo para o seu organismo, para se ver livre d'elas: É a Cafiaspirina. Mande já comprar um tubo e em poucos minutos verá como as dôres desaparecem.

Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA



RIPOGIVRE (Ripogeada)

Transforma maravilhosamente os vidros, dando-lhe o aspecto do vidro gravado ou decorado.

RIPOLIN

A' venda em todas as drogarias e papelarias.

LEILAO DE PENHORES

"A Comercial"

18, T. DA TRINDADE, 22
(ao Chiado) — T. 25082

Segunda-feira, dia 11, e seguintes.

MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO
PAPEIS PINTADOS
Cretões // Damascos // Veludos
Oleados // Carpetes // Pergamoides
ELEGANCIA - ARTE - BOM GOSTO
FABRICO ESMERADO NAS NOSSAS OFICINAS



**Afirma-se
e prova-se!...**

que, em Portugal, a casa mais especializada em catés é

A Mariazinha

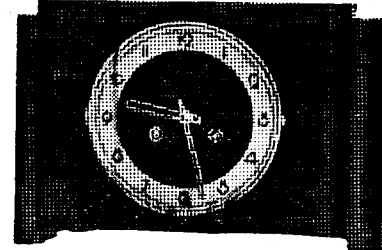
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

Sorles grandes?

so a casa **COSTA, LDA.** as vende
60 - Rua da Prata - 62

TORROAES

RELOJARIA DE CONFIANÇA



Relogios de parede

Despertadores dos melhores fabricantes
Modelos modernissimos, de absoluta novidade
119, R. DA PRATA, 123 — Telef. 24210



**Beatriz de Vasconcelos
FALECEU**

João Pedro de Vasconcelos, Francelina de Vasconcelos Carinhas e seu marido, e mais familia, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento de sua querida esposa, mãe, filha, sogra e irmã, e que o seu funeral se realiza amanhã, 9, pelas 15 horas, da igreja de Arroios para o cemiterio Oriental.

AGENCIA MEGA

Bedam a mossa
CANA IMPIRIAL
 á venda nos Cafés,
 Bars, Restaurantes, etc.
 DEPOSITARIOS:
 A. L. Simões & Pina L.f. — R. das Flores, 22

ESTRANGEIRO

SUM E' o melhor
 limpa
 metais

O momento europeu

As relações franco-alemãs

BERLIM, 8.—A «Correspondência Política e Diplomática», escreve: «Abstraindo das grandes diferenças, no ponto de vista dos armamentos, entre a França e a Alemanha, é indiscutível que a situação geográfica do primeiro daqueles países lhe dá uma segurança que não têm outras nações. Se a Alemanha pedisse uma segurança igual, as suas forças militares deviam ser o dobro. Mas não. As exigências alemãs são tão pequenas que não se explica como podem ser tomadas como uma ameaça para quem quer que seja. Hitler disse em Sarrebruck, falando em nome de todos os alemães: «Assim como queremos a paz, esperamos que o nosso grande vizinho a queira procurar conosco. E' preciso que os dois povos se dêem as mãos». A grandeza destas palavras está na sua simplicidade. Hitler nunca encobre a verdade com «trues» jurídicos. Como chama as coisas pelo seu nome despiu a política de todos os artificios e deu-lhe uma nova direcção. O regresso do Sarre ao Reich foi o primeiro passo neste caminho—a aurora de um ciclo esperado por todos os povos. Que a boa esperança não morra».—(Americana).

Protestos contra o «Livro Branco»

LONDRES, 8.—O partido liberal publicou uma declaração em que protesta energicamente contra o «tom e substancia» do «Livro Branco», relativo aos armamentos britânicos, que foi apresentado ha dias por MacDonald. —(Havas).

Ecos do escândalo Stawisky

A morte de Pressard foi natural

PARIS, 8.—Como noticiámos em devido tempo, mandára-se abrir um inquerito judicial acerca da morte do ex-procurador da Republica Pressard. Os medicos que fizeram a autopsia, a requerimento da familia do extinto, entregaram agora o seu relatório em que concluem pela morte natural. Em vista disto o juiz mandou arquivar os autos. —(Havas).

Condenados á morte

VIENA, 8.—O tribunal de excepção condenou á morte o ferrador Franz Boeck e o operario Aloys Sedlak, por terem assassinado a proprietaria dum pequeno restaurante. Os reus foram enforcados ontem á noite no patio do Palacio da Justiça. —(Havas).

MANTEIGAS MAIS BARATAS

so

na NOVA CASA DAS MANTEIGAS

R. DA PRATA, 88 e 90

De Vizeu com sal k. 16\$10

• Paredes de Coura mistal k. 18\$00

Finissimos queijos da Serra e mais procedencias ♦♦♦

Pedidos pelo telef. 20348

UMA LATA DE VERDADEIRAS
Pastilhas VALDA
 bem empregada,
 e utilizada a proposito
 resguardará
 vossa Garganta, vossos Bronchios,
 vossos Pulmões,
 combatendo eficazmente
 DEFLUXOS, BRONCHITES,
 GRIPPE, ASTHMA,
 EMPHYSEMA, etc.
 Encontram-se em todas as
 Farmacias e Drogarias
 EM LATAS com o nome
 VALDA
 Representante H. REYNAUD
 LISBOA

A questão religiosa no Mexico

Desaparição misteriosa dum arcebispo

MEXICO, 8.—O arcebispo Pascual Diaz desapareceu misteriosamente de Cuantitlan. Corre o boato de que foi levado em avião para os Estados Unidos. O ministro do Interior declarou que não o mandara prender. —(Havas).

Desvenda-se o misterio

MEXICO, 7.—O secretario do arcebispo Pascual Diaz informou a United Press de que o arcebispo fôra preso ás 19 horas, no momento em que entrava em casa.

Ignoram-se as razões que motivaram a prisão do arcebispo Pascual Diaz. As autoridades eclesiasticas estão consternadas e mostram-se apreensivas. Os membros do Governo recusam-se a fazer qualquer referencia á prisão do arcebispo.

O arcebispo Diaz foi mencionado nas acusações que o governo recentemente formulou contra o delegado pontificio monsenhor Ruiz y Flores e contra os bispos Manrique e Sárate, que actualmente se encontram deterrados nos Estados Unidos. —(United Press).

A EXPEDIÇÃO ELLSWORTH

repete-se em setembro

NOVA YORK, 8.—Lincoln Ellsworth tenciona voltar em setembro ao polo sul, a fim de realizar a terceira tentativa para atravessar a Antartida, em aeroplano, que constitui a sua maior ambição, por ser a «única façanha geográfica que falta realizar».

O famoso explorador diz que tem intenção de realizar os três maiores actos de audacia que se podem levar a efeito: passar o rio Branco, no Chile; subir, pelo menos, até metade do Aconcagua, nos Andes argentinos e chilenos; e ir de Santiago a Mollendo, através do deserto de Atacama. —(Americana).

Um nobre sueco desv ou

200.000 corôas duma instituição particular

ESTOCOLMO, 8.—Toda a Imprensa se occupa dum grave caso de desvio de fundos, em que se encontra envolvido o barão F. W. C. Leuhusen, secretario do Palacio da Nobresa, instituição em que se realizam as assembleias da aristocracia sueca. Leuhusen dissipou o dinheiro que pertencia aos membros da referida instituição. O total do roubo eleva-se a 200.000 corôas. Dado o nome e a posição de Leuhusen, o assunto tem apaixonado a opinião publica, tanto mais que ainda não ha muito tempo outro nobre, o barão de Sternstedt, foi preso por motivo identico. —(Havas).

Os Estados Unidos e o Tribunal da Haia

WASHINGTON, 8.—Roosevelt declarou que tencionava fazer uma nova tentativa no sentido de os Estados Unidos adeirem ao Tribunal de Justiça Internacional da Haia. —(Americana).

RESFRIAMENTOS

Contra a gripe e resfriamentos, Tegal é o remedio de resultados mais seguros. Pode ser tomado com toda a confiança em qualquer idade, pois é inofensivo. Actua rapidamente sem causar prejuizos. Tegal ataca directamente a origem da doença. A' venda em todas as farmacias. Peça o novo folheto elucidativo. Tegal. Rua Aurea, 124, 1.º — Lisboa.



A posição da libra

e a situação inglesa

LONDRES, 8.—O ministro das Finanças, Chamberlain, discursando ontem na Camara dos Comuns, referiu-se, em termos cheios de confiança, á actual situação da libra e ao seu futuro. «A baixa do seu valor externo», declarou—não tem relação nenhuma com qualquer facto que se passe na Gran-Bretanha, nem existe nada na sua posição actual que possa provocar em Inglaterra momentos de ansiedade.

O valor interno da libra não se alterou. E' bem diferente, porém o valor do ouro, o qual tem sofrido maiores ou menores variações. Nestas circunstancias, é materialmente impossivel estabilizar a moeda britânica numa base-ouro.

A França e os Estados Unidos possuem enormes provisões de ouro que lhes deram uma situação preponderante para exigir o padrão-ouro.

Se a Gran-Bretanha se ligass' ao estalão ouro e consequentemente á politica financeira de qualquer daqueles países, vêr-se-ia forçada, ou a desembaraçar-se do ouro que possui ou a fixar a taxa do Banco. Ora, disto resultaria um complicado estado de coisas. Estou convencido de que o governo inglês não está em circumstancias neste momento de correr os riscos de pôr á libra á mercê do franco ou do dolar. E' provavel, contudo, que algum dia, não só a Gran-Bretanha mas todos os outros países voltem a um estalão-ouro internacional. No entanto, não poderei pensar no facto enquanto não vir que as mesmas condições que a isso me forcem, se mantêm, de modo a ter a certeza absoluta de que não teremos de abandonar o padrão outra vez». —(Havas).

Morte de um paraquedista

COPENHAGUE, 8.—O celebre paraquedista Tranum, detentor de varios «récorde» do mundo, tentou bater mais um. Quando se encontrava a 8 mil metros de altura fez sinal ao aviador para que descesse, o que este fez. Quando chegou ao solo morreu. Supõe-se que a morte foi provocada pelo esvasiamento da garrafa de oxigenio que o paraquedista levava. —(Havas).

AGUARDENTES

Real Companhia Vinica a
 do Norte de Portugal

(Fornecedora da Presidencia
 da Republica)

BRANDY

(Aguardente te) a E. 12\$50 a garrafa

OLD BRANDY

(Aguardente velha) a E. 18\$00 a garrafa

VERY OLD BRANDY

(Aguardente velhissima) a E. 52\$50 a garrafa

São as melhores aguardentes nacionais

Encontram-se nas boas casas e na

Filial de Lisboa

Rua do Alecrim, 119

Telefone 2 2556

CONTRA AS

HEMORROIDAS

25 ANOS DE SUCESSO

INIGUALAVEL!

Representa es:

Estabelecimentos Herold, L. DA
 LISBOA — R. Douradores, 7

Campbell sofreu um desastre

a 445 quilómetros á hora

LONDRES, 8.—O celebre corredor Campbell, conforme noticiámos, estabeleceu ontem um novo «récorde» de velocidade, percorrendo a milha á razão de 445 quilómetros 495 metros á hora.

Quando o «Blue-Bird» alcançara já aquela extraordinaria velocidade, o carro voltou-se e percorreu cerca de 9 metros com as rodas completamente voltadas para cima. Os pneus ficaram desfeitos e Campbell sofreu uma contusão no peito, mas sem gravidade. —(Havas).

Os separatistas lituanos

Prossegue o julgamento em Kaunas

KAUNAS, 8.—Informa a agencia Elta:

No tribunal de Klaipeda terminou o depoimento das testemunhas de acusação e defesa, num total de 428. As de acusação estabeleceram, de maneira decisiva, que as organizações subversivas conspiravam para arrancar o territorio de Klaipeda á Lituania, por meios revolucionarios. As de defesa não conseguiram provar que tais organizações não tivessem os fins subversivos apontados pela acusação. —(Havas).

Deputados franceses

em visita ao nosso país

PARIS, 8.—O grupo parlamentar franco-português parte amanhã para Portugal, acompanhado pelo director da Casa de Portugal sr. Ferreira dos Santos. O grupo vai em viagem de estudo, será recebido pelo chefe do Estado português e pelo presidente do Conselho, sr. dr. Oliveira Salazar. Os excursionistas contam regressar a França em 17 do corrente. —(Havas).

A greve de Maubeuge

MAUBEUGE, 8.—Em vista dos operarios se terem pronunciado a favor do acordo de conciliação, que ante-ontem fôra estabelecido entre os industriais e um grupo de trabalhadores, terminou a greve, que durava ha mais de 50 dias. —(Havas).

Missionario espião?

VITORIA, 8.—O governo do Canadá resolveu interceder a favor do missionario canadiano Norman Johnson, preso na Bolivia, como espião, a favor do Paraguay. —(Americana).

RUTHER.—Usado diariamente revigora os cabelos tornando-os soltos e brilhantes. Destina-se principalmente a todas as pessoas que desejam reacquirir a coloração dos seus cabelos de uma forma lenta, progressiva, sem dar nas vistas

A' venda na Drogaria Rodolfo Lima — Avenida Almirante Reis, 85.



**Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
ODOS OS GENE: OS PARA
TODOS OS USOS
(Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setubal, Faro, Portimão e etc.)
A CERAMICA QUEMORA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
A's 21 e 15
Moulin Rouge

O CONFLITO ITALO-ETIOPE

Continua o embarque de tropas para a Africa oriental

ROMA, 8.—De Napoles partiu ontem um navio carregado de material com destino a Africa oriental, que fará escala por Messina, a fim de receber mais material e homens. O «Adazio» partiu tambem para a Africa, levando a bordo 450 artilheiros e 75 oficiais de diversas armas. O «Francesco Christ» partiu igualmente para Africa com 50 oficiais voluntarios. O «Argentina», que chegou de Massaua, partirá novamente para ali. Esta tarde esperam-se diversos contingentes da divisao de Florença. Foram designados 27 navios para o transporte das tropas e material de guerra. De Turim partirão para a Africa oriental 450 soldados de engenharia especializados em serviços ferroviarios.—(Havas).

Uma explosão de petroleo matou 20 pessoas e causou numerosos feridos

SAINT GEORGE (Estados Unidos). 8.—Junto dum poço petrolifero deu-se uma formidavel explosão de nitro-glicerina, que causou prejuizos materiais importantissimos e ocasionou a morte a vinte pessoas e ferimentos graves em mais de 30. Os cadaveres foram encontrados a algumas dezenas de metros do local da explosão, horrivelmente mutilados. Um automovel que se encontrava proximo do local onde se deu o deflagrar da nitro-glicerina ficou completamente destruido e foi arremessado a cerca de vinte metros de distancia.

O estampido da explosão foi tão grande, que se sentiu a mais de 10 milhas de distancia. Desconhecem-se mais pormenores.—(United Press).

Que se passa no Brasil?

Tumultos em Maceió

RIO DE JANEIRO, 8.—Informam de Maceió que varios grupos armados atacaram o Palacio do Governo. A guarda fez fogo e ha varios feridos, entre os quais se conta o chefe de Policia do Estado de Alagoas.—(Havas).

Um desmentido oficial

RIO DE JANEIRO, 8.—Desmentem-se oficialmente as noticias que circularam no estrangeiro acerca de pretensos disturbios no Brasil. As precauções militares são as que em todos os países se costumam tomar contra a propaganda comunista. A tranquillidade é perfeita em todo o país.—(Americana).

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos

CASA NOVA

Restaurante Dancing

(Antigo Bristol)

Rua do Regedor, 9
Tel. 2 4938



Hoje, Sexta-feira, 8

Estreia da celebre
bailarina alemã

Deuby Deubner

manhã, Sábado, 9 e Do-
mingo, 10

Animados bailes
da Pinhata

Na proxima semana:

Casanova

em Sevilla

Luz-alegria-atrações

O melhor serviço de
ceias

A REVOLUÇÃO NA GRECIA

Os insurrectos ocuparam duas ilhas

e consolidaram a sua posição em varios pontos

PARIS, 8.—O enviado especial de «Le Journal» a Grecia informa: Os insurrectos, alem de se terem apoderado de Mytilene, ocuparam Chios e Samos com dois «destroyers». Os rebeldes consolidaram a sua situação em Serres e Cavalla, ocuparam Drama e tomaram uma parte do Epiro. A frota regular está já pronta para entrar em operações e três contra-torpedeiros bombardearam Canaã.

Por seu turno, o enviado especial do «Petit Parisien» informa: Aviões governamentais bombardearam Serres e os navios rebeldes «Helli» e «Psara», que estavam fundeados em Cavalla. O correspondente do «Petit Journal» comunica que os venizelistas ocuparam Larissa e que abateram dois aviões que tentavam perseguir o cruzador «Averoff». Alem disso, receia-se que os insurrectos façam um ataque contra o Pireu.—(Havas).

Duelo de artilharia

SOFIA, 8.—Ouvia-se distintamente esta manhã, no posto da fronteira bulgara de Kola, o troar e o interrupto da artilharia em direcção á ponte sita junto de Demi-Hissar. É impossível por enquanto obter informações precisas acerca do que se está passando.—(Havas).

A luta na Macedonia

ATENAS, 8.—Na Macedonia as forças governamentais estão a travar violentos combates com os revoltosos, havendo bastantes baixas de parte a parte.

Esta manhã os forças fiéis desencadearam uma formidavel ofensiva contra os rebeldes, que cederam terreno em alguns pontos. As forças governamentais eram constituídas pela artilharia, infantaria e cavalaria apoiadas por aviões.—(United Press).

Uma grande ofensiva

ATENAS, 8.—O mau tempo continuava a perturbar as operações, mas os preparativos para uma grande ofensiva contra os revoltosos continuam activamente.—(Havas).

A situação em Salonica

SALONICA, 8.—Descobriu-se um verdadeiro arsenal num cemiterio desta cidade, cujo guarda é um co-

Tumultos graves em Viena

VIENA, 8.—Nos suburbios da capital travou-se esta manhã, violento tiroteio entre varios grupos de comunistas e a Policia, em consequencia do que resultou haver alguns mortos e feridos. Fizera-se muitas prisões.

Foram tambem presos varios nazis na ocasião em que distribuíam folhetos de propaganda hitleriana.—(United Press).

O desemprego nos Estados Unidos

WASHINGTON, 8.—Segundo declarações feitas pelo presidente da Federação Americana do Trabalho, sr. William Green, verifica-se que durante o mês de janeiro ultimo foram colocadas 632.000 pessoas que se encontravam sem trabalho.—(United Press).

No São Luiz: Um grande espectáculo

Harry Flemming e a sua Troupe

Na tela: **HOLLYWOOD EM FESTA**

nhecido venizelista. A fim de facilitar a navegação internacional, abriu-se uma estreita passagem na baragem de minas que foi colocada á entrada do porto de Salonica.—(Havas).

Precauções da Turquia

ANKARA, 8.—A pedido das autoridades gregas, o governo proibiu que fundeassem nos portos turcos cinco navios helenicos.—(Havas).

Que prepara a Bulgaria?

BELGRADO, 8.—«Que se prepara na Bulgaria?»—pregunta o jornal «Novosti», de Zagreb, que enumera as recentes decisões tomadas pelo governo de Sofia: passagem á reforma de muitos oficiais, convocação do Conselho Superior de Guerra, precauções militares da fronteira grega.

«A entente balcanica»—escreve o autor do artigo—garante a independencia dos Estados signatarios deste instrumento e a intangibilidade das suas fronteiras. Quem atravessar a fronteira grega defrontar-se-á com a «frente comum» dos povos balcanicos Jugoeslavia, Turquia e Romenia, que defenderão a integridade e a liberdade da Grecia, se alguém tentasse uma incursão no territorio desta.—(Havas).

Apreensões em Genebra

GENEVA, 8.—Os acontecimentos da Grecia e bem assim os que se estão a dar em toda a península balcanica são seguidos pelos circulos internacionais com o maior interesse. Após a dupla diligencia de ontem junto do secretariado geral da S. D. N., feita pelo representante da Bulgaria, Antonoff, e pelo ministro da Turquia, Kemal Husmu, ha a registar a audiencia pedida pelo representante da Grecia ao secretario geral da S. D. N. e que se realiza esta tarde.—(Havas).

Navios italianos para o mar Egeu

ROMA, 8.—Anuncia-se oficialmente que o Governo italiano ordenou que três barcos de guerra seguissem imediatamente para o mar Egeu, onde aguardarão as respectivas instruções.—(United Press).

NOTICIAS DE ESPANHA

Greve no interior duma mina

OVIEDO, 8.—Anuncia-se que os mineiros que se declararam em greve, no dia 2, na mina de Dura Felguera, continuam no interior da mesma, negando-se terminantemente a sair da mina.

Alguns guardas de assalto que tentaram penetrar no interior da referida mina foram hostilizados pelos mineiros grevistas, motivo por que tiveram de abandonar o seu intento.

Forças da legião estrangeira patrulham rigorosamente os arredores da mina de Dura Felguera, a fim de capturarem os grevistas, quando tentarem fugir do seu refugio.—(United Press).

Letam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

Combate-se nas ruas de Cuba

A agitação assume aspectos graves

HAVANA, 8.—A população desta cidade vive horas de intenso terror e angustia, pois ninguém pode ainda prevêr quais as consequências graves que podem resultar do facto do governo cubano persistir em não se demitir.

Durante a madrugada de hoje explodiram dezenas de bombas em varios pontos da cidade, as quais causaram grandes prejuizos, dez mortos e muitos feridos.

Varios grupos de comunistas travaram, em pleno coração da cidade, vivo tiroteio com forças de Policia. Houve de ambos os lados grande numero de mortos e feridos.

Forças de marinha tomaram esta manhã conta das estações officiais de Radio.

Os edificios publicos continuam ocupados por forças militares que se encontram fortemente armadas e providas com material de guerra moderno.

Em algumas arterias da cidade foram construídas pelos militares barricadas com arame farpado.

A greve do pessoal dos Correios e Telegrafos e Comunicações é geral e abrange toda a ilha de Cuba. Aqueles serviços estão a ser desempenhados por forças de engenharia.

Os medicos e os enfermeiros dos hospitais e policlinicas declararam-se em greve, por solidariedade com os grevistas academicos.

Como se annunciara, oportunamente, os empregados dos ministerios do Comercio e da Saude Publica declararam-se esta manhã em greve.—(United Press).

Greve de funcionarios publicos

HAVANA, 8.—Todos os funcionarios publicos se declararam hoje em greve. Os edificios publicos continuam a ser guardados pela tropa.—(Havas).

Descoberta de novas terras

WASHINGTON, 8.—Anuncia-se que o explorador norte-americano Bradford Washburn, num recente vôo que realizou ás regiões antarticas, descobriu novas terras que não estão marcadas em qualquer mapa.

Nas terras agora descobertas por Washburn existem enormes cordilheiras, que medem mais de 10.000 metros de altura.—(United Press).

Tremores de terra na California

LONG BEACH, (California), 8.—Sentiram-se ontem, nesta cidade, dois violentos abalos sismicos, que causaram prejuizos materiais de alguma importancia. Em outras cidades proximas sentiram-se tambem tremotos, que ocasionaram grandes danos, duas mortes e alguns feridos.—(United Press).

O Exército norte-americano

WASHINGTON, 8.—O Senado aprovou por 56 votos contra 26 o projecto de lei para que o exercito regular norte-americano seja aumentado em 46.000 homens.—(United Press).

“BAILE DA PINHATA” no JARDIM CINEMA

Foram os Bailes de Carnaval nos vastos Salões do Jardim Cinema considerados os mais concorridos, brilhantes e animados e assim a Empresa entendeu, como indispensavel complemento, realizar nos mesmos elegantes salões um grandioso Baile da Pinhata, amanhã, sabado, 9, que terá inicio ás 22 horas.

as 5 horas chá
PATSSERIE VERSAILLES

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

UM ANIVERSARIO

"ORPHEU"

Quais as características dessa revista literaria que tão profundamente influuiu no pensamento português

A 21 de março de 1915 Lisboa conhece o primeiro numero da revista literaria «Orpheu». Passados vinte anos, como ninguém até hoje tivesse a curiosidade de escrever a sua historia que o publico desconhece, agradecemos ao suplemento literario do «Diário de Lisboa» o convite que para este fim dirigiu ao colaborador de «Orpheu» que assina estas linhas.

Na formação de «Orpheu» os primeiros nomes que aparecem são os do poeta português Luis de Montalvor e o do escritor brasileiro Ronald de Carvalho.

Ronald de Carvalho ha bem pouco falecido no Brasil vitima de um desastre de automovel, era além de escritor, diplomata e secretario da Presidencia da Republica, tendo sido recentemente eleito «Príncipe das Letras Brasileiras».

A seguir vêm Fernando Pessoa e Mario de Sá-Carneiro.

A estes juntam-se-lhes José Pacheco, Santa-Rita Pintor, José de Almada Negreiros, Eduardo Guimarães (brasileiro), Alfredo Guisado e Cortes Rodrigues.

Tiveram colaboração extra, o poeta Angelo de Lima e o filosofo dr. Raul Leal.

Morreram já Mario de Sá Carneiro, Santa Rita Pintor, Angelo de Lima, José Pacheco e Ronald de Carvalho.

E eis o nome de todos e quantos colaboraram em «Orpheu».

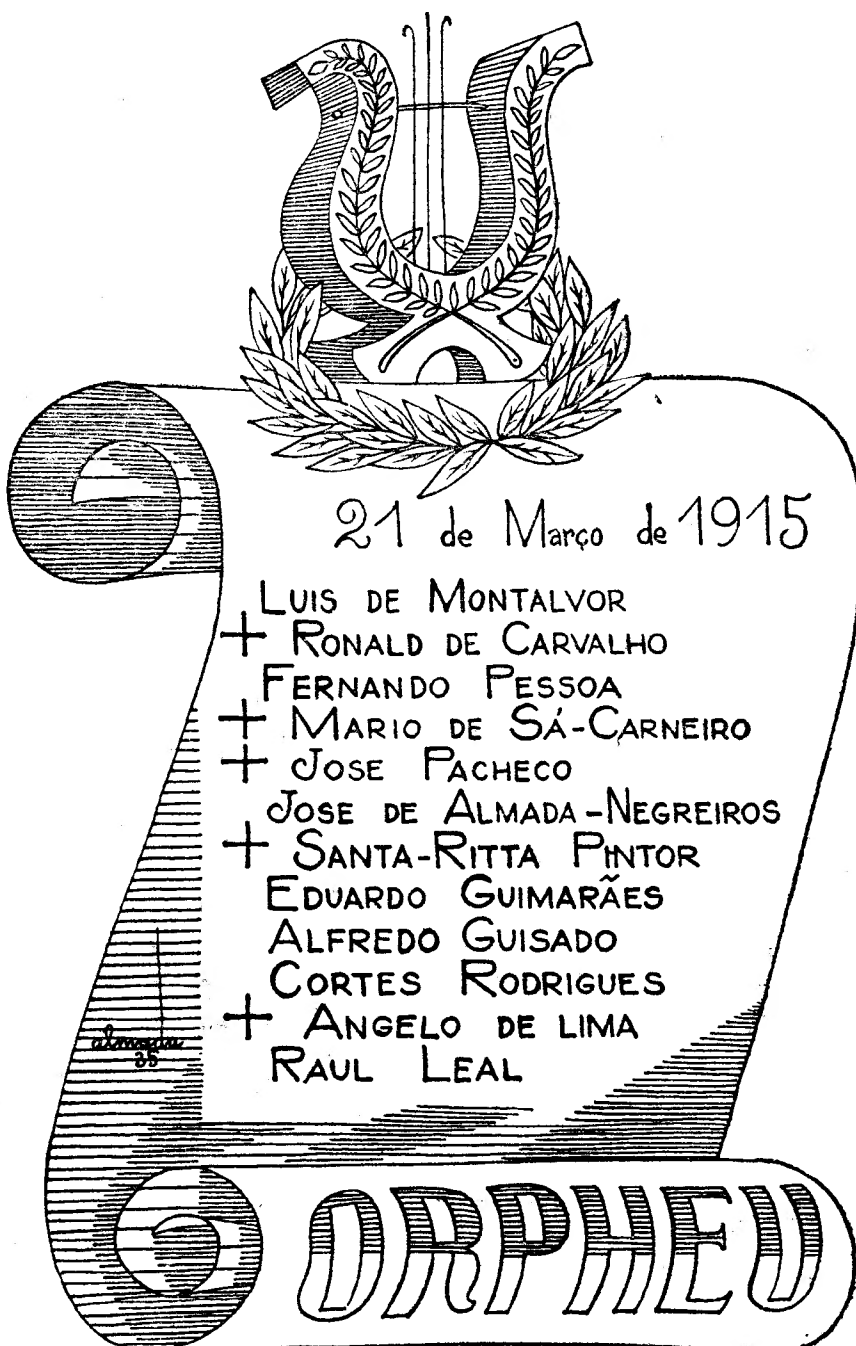
O escandalo que o aparecimento de «Orpheu» produziu no publico, foi e ficou inédito na vida literaria portuguesa. Portugal leitor, de Norte a Sul, delirava de regozijo, exactamente como se cada português tivesse sido o achador daqueles loucos á solta. Nem mais nem menos.

Foi essa a reacção mais viavel encontrada pelos leitores de «Orpheu» para justificar o incómodo que a revista lhes causou lá em seus ripanços.

Não tinha sido tão conscienciente que fizemos tais rivais. Não os tinamos adivinhado tão concretos. Pelo contrario, julgavamos os erros que atacavamos e a rotina que queríamos romper como defeitos de nós todos, mais do que apenas de alguns que se sentiram lesados nos seus prestígios.

Mas, não é verdade que parece extraordinario uma revista literaria ter o condão de fazer saltar dos seus respectivos buracos tanta gente sensata, indignada com tal emprego das palavras?! Não é verdade que autenticos loucos, não era esta a especie de indignação que provocariam nas gentes?!

Mais extraordinario parecerá ainda quando se disser que «Orpheu» era exclusivamente litera-



rio, que não tinha o mais pequeno vislumbre politico, que não era como os jornais e revistas literarias portuguesas da actualidade, nas quais é afinal a politica que se mascara de letras. «Orpheu» era honradamente literario!

Sem programa, a não ser o de reunir autores, assim se fez «Orpheu». Todos autores e sem chefes, o que de verdade só é possivel entre gente de Arte. Independencia da colaboração. Até a ortografia era a dos autores. E foi esta independencia da colaboração o que afinal dei-

xava perceber uma unanimidade de idéas entre os seus colaboradores: A necessidade da «élite» portuguesa, a qual não estava no seu lugar, a qual não estava em parte nenhuma!

Estava deshabitada a cabeça de Portugal!

A razão de «Orpheu» era profundamente aristocratica, não no seu efémero sentido de sangue, mas na sua verdadeira essencia de valores.

«Orpheu» era uma consequencia fatal de determinados portugueses, desligando-se dos outros portugueses, porém ligados entre

si pela mesma fé na elite de Portugal. As suas personalidades vinham já esclarecidas o bastante para uma dignidade comum, por isso mesmo eramos portugueses sem sermos nacionalistas, nem regionalistas, nem indigenistas. Queríamos apenas o mais difficil dos titulos portugueses: sermos portugueses simplesmente!

A «Historie du Portugal par coeus» de Jose de Almada Negreiros e a «Mensagem» de Fernando Pessoa, duas produções portuguesas que tiveram a aceitação de todos, são dois documentos portugueses, sem nacionalismos, em regionalismos, nem indigenismos. Os seus autores são dois colaboradores de «Orpheu».

São documentos portugueses, disse, mas portugueses de Portugal, do unico Portugal comum a todos os portugueses. Mas há já muito tempo que deixou de haver portugueses em Portugal. Foi então que começou o português á antiga portuguesa, que é mais moderno que o português, e é o resultado de estarem interrompidos os portugueses: escreve Fernando Pessoa em 1923. E outro colaborador de «Orpheu» enviava de Madrid em 1928 uns versos onde se lia:

«E' fado nosso,
é nacional,
não ha portugueses,
ha Portugal»

Ora o que queriam os colaboradores de «Orpheu» era que houvesse Portugal e tambem portugueses. Portugueses sobretudo, visto que Portugal já há. «Orpheu» dirigia-se especialmente ao caso das varias pessoas portuguesas, aos varios casos do português, ao português.

E' mesmo este o unico caminho para ir á conquista da elite portuguesa. A elite é coisa muito séria, é até a mais séria de todas onde haja um povo; não cuida apenas do governo do povo pois que reconhece já a pessoa humana tambem. A elite não se resume na ciencia politica, é sobretudo o conhecimento do humano, o que é de carne e osso.

São as possibilidades individuais portuguesas o que falta sobretudo em Portugal.

O unico exemplo que vale para as pessoas é o exemplo dos heróis. Herói é aquele que se ultrapassa, que vale além das possibilidades comuns. Ora as possibilidades comuns portuguesas já cá estão, já são comuns; e agora vamos a outras, a novas, portuguesas tambem, nossas!

Outra característica de «Orpheu» era o europeismo.

(Ver continuação na 7.ª página)

Lumen in Caelo

POR JOAQUIM MANSO

A's oito e vinte, o comboio abalou enchendo de fumo e de estrondo a «gare» do Norte onde o relento das mil coisas que o tempo acumula, na mudez e na inexpressão, parecia querer respirar, gritar e uivar, com a impaciência rolante e silvante das locomotivas. Impressão penetrante de frio, de humidade, de neve calda dum céu baixo e opaco, no qual se macerava a entranhada magua da prece que não vence a abobada, arrefecendo nos labios que a proferem, sobre lousas medievais, com largos epitafios.

Um amigo que me trouxera as suas afectuosas despedidas e um pouco de calor intimo e comunicativo, com que Portugal marca a sua posição em todas as latitudes, ofereceu-me os jornais da manhã, ainda frementes da tinta de impressão.

—Noticias frescas e sensacionais do acôrdo anglo-francês... A França e a Inglaterra abraçam-se no ar com as suas esquadrilhas de aviões, em marchas rapidas sobre o Reno.

—Como tenho três horas diante de mim, viajarei, por pensamentos, em companhia de MacDonald e Flandin—arquitectos da paz e do arco-iris sobre a Mancha.

Um ultimo adeus e logo os vagonos sobre os «rails» vão arrastando um troço de baços viajantes que apressadamente dormiram a sua mirrada noite em Paris e cepticamente adivinham Londres, a setecentos quilometros de bruma.

No meu compartimento, dum vermelho prolixo e dormente, sentam-se três graves senhores, com a sua pasta de negocios ao lado, e uns oculos de taratuga declinados sobre as paginas tamboreadas de «Daily Mail». Não accusam raça nem distincção: perfis repetidos e comerciais que vão de Paris a Londres, de Londres a Haya e de Haya a Berlim, com a mira nos destroços da fortuna que alguns milionarios desatentos deixaram fugir da sua carteira.

No corredor da carruagem, desliza uma senhora de luto que guia diante de si um petis, louro quasi prata, o qual ela carinhosamente ampara, com as mãos postas nos seus ombros bem talhados e finos, dizendo-lhe:

—Atenção, não caias...

E os outros, quem são os outros que, como eu, cortam a planura imensa onde as chaminés das fabricas e a desolação dos enormes edificios que se entremostam pretendem convencer-nos de que o homem vive nas obras que cria?

Quantidades de efemeris polinomios que o acaso gizou e dispersará brevemente, ao acaso dos destinos e dos desejos errantes. Nenhum de nós conservará mais que apagada lembrança desta jornada, algida e desconsolada, em que, graças a um bilhete de caminho de ferro, transportámos de Paris a Calais, cada qual no seu canto e na sua trepida solidão, o vazio que se cava em nós, quando os nossos semelhantes nos fitam, na duvida ou na indiferença:

—Porque sou companheiro deste bloco de sombra e misterio?

Pelos vidros embaciados, onde a chuva saltita e entoa aladamente a sua canção de arveloa friorenta, descortino o universo em farrapos, porventura em notas duma elegia cujas estrofes não ousam soldar-se em poema escrito na febre unida e quente da inspiração e do sonho.

A paisagem, em divisorias que se separam umas das outras como fitas que esvoaçam caprichosamente na claridade matinal e plumbea, galopa á minha dextra envolta no turbilhão brutal do monstro que, a noventa quilometros á hora, começa a tragar a Normandia, triturando-a no ventre potente e insofrido.

Os povoados, mal vistos e logo desaparecidos, indicam-me que, á recta-guarda, fica, desfeito ou empastado, o pesadelo das aldeias que se esboçam á beira da linha, com o seu campanario erecto, como ponta de aparo enfeijado. Amiens parte-se ao meio para desviar-se e resguardar-se do expresso que abranda a sua imperiosa marcha, a fim de não aniquilar as pedras votivas da sua catedral ou os cristais adornados dos seus guarda-louças.

O nevoeiro avulta nuns pontos e adelgaça-se noutros, fazendo e desfazendo a mesma frouxa teia que o tedio

fabrica para iludir a sua impotencia e a sua penuria de imaginação. Um rio esconde debaixo da ponte que o galga, a corrente lisa das suas aguas esverdinhadas e enrugadas pelo nordeste.

Automoveis atendem, nas passagens de nivel, que as cancelas se descerrem a fim de riscarem nas estradas de França, os sulcos breves das quimeras que se dissolvem. Chapéus de chuva, de longe em longe, recortam, no tracadado barrento e molhado dos atalhos silvestres, o seu hemisferio de cujas varetas escorrem as gotas, uma a uma, como lagrimas vertidas na morte dos astros, das esperanças e dos jardins.

Fatigado de espriar a vista sobre sucessivas superficies—retalhos dum panorama goyesco—que se copiavam umas ás outras, agravando a infinda nostalgia das distancias na monotonia das apparencias, lembrei-me de folhear os jornais e descobrir neles a vibração sensível e humana cuja ausencia me pungia.

—O papel impresso tem sobre a natureza a vantagem de variar-se, á maneira dos balões com que os japoneses iluminam as suas casuchas de papel e de bambu...

Percorri quatro ou cinco e em todos eles os jornalistas parisienses que haviam acompanhado os srs. Flandin e Laval se queixavam copiosamente das correntes de ar que os constiparam em Londres, até mesmo em Downing Street.

—«Numa cidade tão descautelada, a diplomacia expõe-se ao risco de to-sir e nada resolver».

Felizmente que assim não foi: os negociadores do acôrdo, vindo que as palavras se apegavam ás laringes, qual mancha de sangue ao remorso de Lady Macbeth, decidiram proceder com energia, associando, diante dum perigo futuro, as duas aviações para varrerem o espaço—flamejante e mortifero.

Com receio de me intrometer num terreno que não me era familiar nem agradável, conclui a leitura do «comunicado», com a seguinte reminiscencia de Ruysbroeck o Admiravel:

—«Eis que o homem torna agora a si proprio e a todos os que são de boa vontade, saboreando e contemplando a união e a harmonia que o amor estabelece entre eles».

O sr. Laval, por exemplo, que ostenta a cor sombria de Alexandre Dumas e uma ingenua gravata branca, é muito capaz de nos conduzir á Terra da Promissão, sem fazer saltar as pontes da Rhenania. Se tal conseguir, a paz baixará ao seio das nações, tão composta e penteada como assucena da primeira comunhão...

Não achando ao alcance da curiosidade assunto que me distraisse, antes de Calais surgiu debruçada sobre a Mancha, na vaga desordem do seu casario, filho da vaga e da neblina, vi-me para mim, encerrando-me na minha intimidade, procurando-me, fóra da alucinação metalica que me torturava, confundindo-me com os volumes e não com as almas.

—Para onde vou? Que busco eu? Que golpe funesto me traz solto e desirmanado, por paragens tão ingratas para a minha saude?

Percebi então—como se percebe o sitio onde nos doi, após o fugaz torpor do sofrimento—que o meu rumo não terminava, aqui ou acolá, mas se alongaria interminavelmente—além das romagens em que se repousa e das frases dolentes que pretendem embalar-nos. Quando os astros rompem no firmamento, pondo o seu lume na treva imovel e profunda, ha sempre na terra um olhar que lhes supplica a esmola do seu brilho.

Para mim, a cerração era completa:

o comboio de que eu era um dos miseros passageiros desconhecia-me e ignorava-me no enigma em que o meu ser—naufrago atirado a um mar inclemente—tentava ver no fundo do abismo a estrela polar. O nosso corpo, pobre envolvero em que se oculta uma falasca divina, tem limites apertados no bater das suas pulsações—muito menores que as do marmore ou do porfiro que se deixam «trabalhar» humildemente, mas conservam seculos e seculos a forma perfeita que o artista lhe imprimiu.

Como eu sentia a fraqueza de cada um dos meus membros chamados a uma prova de resistencia—igual á da vela que a tempestade ameaça esfarapar!

Felizmente que a dor não se desata toda em pranto, pois obedece tambem a um instinto criador, extraindo das amarguras a essencia da fé imortal...

Repentinamente, no alheamento longinquo em que eu divagava sozinho, gravando na areia inerte meus passos mortais uma voz martelada e concisa, como os postes indicadores, desceu-me á terrena realidade:

—Calais, daqui a dez minutos!

Meus Deus, tudo acaba nesta viagem, menos o pensamento cruel que me perturba e não pára nunca, a não ser na universal e minúscula gare onde a Morte recebe os pálios viajantes que atonitos lhe perguntam:

—Para que lado é a Eternidade?

Calais refresca-me o rosto queimado de insonias, de cuidados e de penas que se acendem umas nas outras, multiplicando-se no infinitamente pequeno onde o coração muda as fibras em calabres.

—Meu Jesus, ampara-o nos teus braços e conserva-o, até que eu lhe possa segredar baixinho:

—Aqui estou junto de ti, com o beijo do teu sangue e da tua patria!

Mas neste mundo tudo se mistura e atropela, sendo impossivel evitar que um uniforme azul-marinho não nos ponha em fila para interrogar:

—Quem é? Donde vem? Para onde vai?...

As respostas succedem-se suadas e gastas, como as luvas aduaneiras que sondam as nossas bagagens. Superada a provação, eis a Mancha orlando de espumas os arabescos da costa normanda, esvoaçada de gaivotas que as rajadas impacientes balouçam no ar onde elas suspendem elipses modelares, desenhadas num só movimento—de asas pandas.

—Quando chegarei a Londres?

O barco da carreira Calais-Dover atraza-se, á espera dum grosso bando de turistas que regressam aos seus lares, desertos, depois de três semanas de «skia» nas alturas invernosas e nevadas dos Alpes bavaros. Obrigam a minha ansiedade a amarrar-se, numa fixação dolorida, á barragem carregada que, muito ao largo, julgo delinear o vulto da nevoenta Inglaterra.

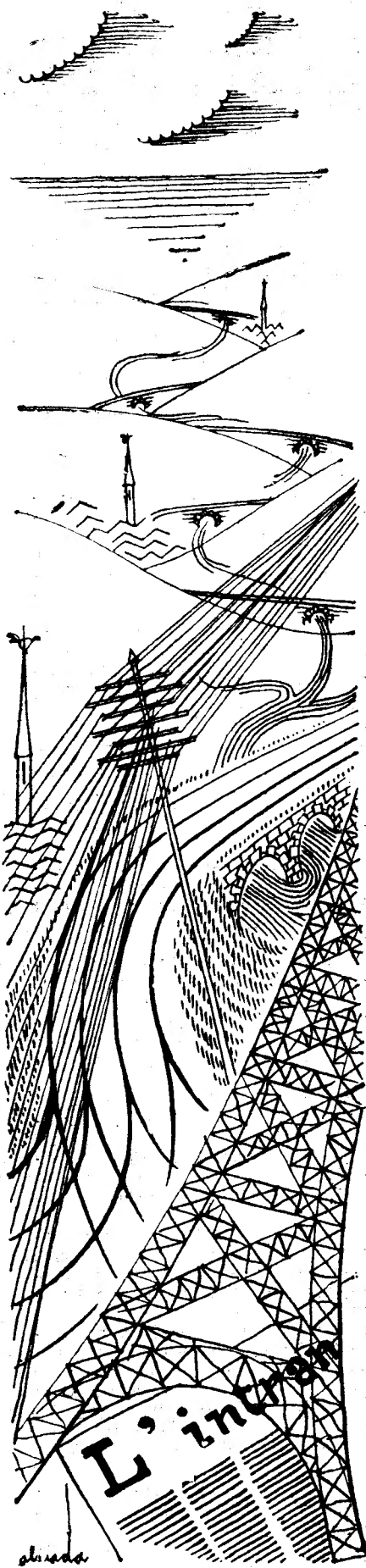
—Que belo dia!—exclama alguém que descobrira um tímido sol esterilino, a interpor-se no «agão» de duas nuvens vagarosas.

—Meu Portugal, como tu és formoso e esplendido, sob o frescor rescedente das tuas primaveras e a delicia morbida dos teus poentes, nos outonos lentos e suaves!!

Desamarra o barco com a sua carga heteroclitica de alpinistas e de esgalgados tipos internacionais—entre eles um rubro e imenso holandês que empalideceu, ao lêr esta prudente recomendação:

—Tende cuidado com os pick-pockets.

Chalreiam em bandos inglesinhas gentis, que usam calças e botas fer-radas e velhas matronas que, sobre o



seu casaco de peles, trazem, pendente dos ombros, um sacco, em forma de mochila.

Num esforço supremo, como se o meu olhar se desprendesse de mim e percorresse—flecha de supplica amargurada—extensões sem fim, aproximei-me, em espirito, dum remoto, inocente coração, embalado em ternas illusões, que compassava docemente a sua retirada para os páramos onde Deus manobra o seu salva-vidas.

—Toma a minha mão para não es-corregares nos seixos em que se en-roscam as algas.

—Tudo é claro na minha frente—tão claro que vejo no derradeiro promontorio, sob um feixe de luz, a Cruz da Redenção!

5—III—1915.

JOAQUIM MANSO

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantida de asseio porque tem uma cozinha modeladamente montada e uma «Frigidaire» que mantem os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.
Serviço á Carta. rapido. abundante e perfeito.

Notas em circulação

ROSA DOS VENTOS

PÁTRIA ESQUECIDA

por Norberto Lopes

João de Barros reuniu em volume, com o título «Pátria esquecida», (1) alguns ensaios e conferências que nem por tratarem de assuntos diversos deixam de estar ligados por uma «intima afinidade» e animados pelo mesmo pensamento construtivo, onde, segundo ele próprio confessa, «homens e ideias são entidades do mesmo povo, da mesma fé imortal. Existem, medram e respiram no mesmo ambiente, afirmam-se e triunfam para gloria da mesma causa».

Pátria esquecida... Não é a ideia de pátria real, confinada pelos limites estreitos da fronteira geográfica, que se contém nesta expressão melancólica do professor, do poeta, do jornalista, do homem de pensamento que nos habituámos a admirar pela coerência do seu espírito e pela sua indefectível linha moral. É a pátria ideal, «sem lindes e acaso sem nome, aberta a todas as almas sôfregas de comunhão espiritual—e hostil apenas áqueles que traem ou falseiam a missão que o talento, o genio, a inteligência alguma vez lhes impuzeram».

Pátria ideal... pátria esquecida por aqueles que tinham o dever indeclinável de a servir, «acima das pequenas e miseráveis ambições de momento»,—«escola de tolerância, de disciplina moral e de fraternidade generosa»—que alguns trocaram por um prato saboroso de lentilhas e outros se esforçam inutilmente por erguer em toda a beleza sonhada.

Pátria que não cabe num conceito mesquinho e medieval, desconfiado e hostil, mas que busca um «horizonte desafogado e amplo», onde todos os homens livres se possam encontrar.

Mais do que uma afirmação literária, que não vem acrescentar nova gloria á obra fecunda de generosidade, de idealismo e de beleza do autor do «Anteu» e da «Vida Vitoriosa», este novo livro de João de Barros vale pela afirmação duma atitude moral e intelectual que merece o nosso respeito e o nosso aplauso.

Ha na sua obra um capítulo intitulado «Jornalismo e idealismo», em que o autor, com uma perfeita observação dos fenomenos psicologicos e sociais do nosso tempo, estabelece um paralelo lisonjeiro e absolutamente exacto entre a poesia e o jornalismo, entre o poeta e o jornalista.

É preciso conhecer intimamente uma profissão para lhe determinar as características essenciais que constituem a razão da sua propria existencia. E João de Barros revela, neste estudo despretencioso e justo, que foi objecto duma conferencia publica, um conhecimento perfeito da nossa profissão. «Ha sempre idealismo na obra ou na tarefa jornalística», escreve o autor da «Oração á Pátria» e da «Ode á Belgica». E até as alegrias e os sofrimentos que a pratica do jornalismo provoca são, como diz Rosny, «de ordem ideal...».

Devemos ficar-lhe gratos pela justiça que nos faz, pela compreensão inteligente que revela, pela simpatia que atrai sobre nós.

Num dos capitulos de «Sa Majesté la Presse», Stéphane Lauzanne con-

fessa que se tivesse um filho, apesar de todas as contrariedades que o jornalismo acarreta, lhe meteria uma pena na mão. Não encheria a bolsa de ouro, porque os jornalistas vivem pobres e morrem pobres. Mas encheria a alma de recordações. Não conheceria a força que a riqueza proporciona, mas conheceria a força que a ideia propulsiona. Havia de viver dias bons e dias maus, mas os dias maus não seriam os piores. Seria menos que um milionario durante a vida, mas seria mais do que um milionario depois da morte, porque a fama esquece, por via de regra, as pessoas que tiveram dinheiro, mas não esquece aquelas que tiveram talento...

Sirvo-me das proprias palavras de Stéphane Lauzanne para reforçar a ideia que está na consciencia profissional de cada um de nós e que João de Barros apreendeu e traduziu com tanta verdade num capitulo modelar da «Pátria esquecida».

NORBERTO LOPES

(1) Livraria Bertrand, Lisboa.

Tudo o que diz respeito a Paulo Barreto,—cujo numa literario foi, como todos sabemos aqui, João do Rio—interessa aos portugueses. João do Rio nunca deixou de ter pela nossa terra e pela nossa gente a mais acendrada e desinteressada simpatia. Escriitor de raras qualidades. Talento de escola, o Brasil não o esquece tambem. É a nova edição do livro do sr. dr. Neves Mantas, «A Arte e a Nevrose de João do Rio», mais uma vez o confirma. Estudo psicologico e quasi psiquiatrico do genio do celebre prosador, nem sempre as suas conclusões nos agradam. Mas não levamos a nossa antipatia tão longe como Medeiros e Albuquerque, que, numa critica acerba, repeliu as ideias todas do sr. Neves Mantas, delas zombando veementemente. Em suma, «A Arte e a Nevrose de João do Rio» é constantemente um louvor á obra do esteta, do estelista e do pensador que tanto estimamos. Vale a pena ler o curioso livro, revelador de condição, inteligencia, e culto sincero pela memoria de Paulo Barreto.

O estudo de Stefan Zweig sobre Erasmo, que está recebendo o aplauso geral da critica, define agudamente as feições espirituais do grande humanista, cuja obra e vida são exemplo e modelo eternos de heroismo perante as incertezas, misérias e misterios do nosso destino. O primeiro europeu, o primeiro pacifista, o mais eloquente advogado de ideal humanista, chamo-lhe Stefan Zweig. Quere dizer:—o prototipo do homem que hoje se procura em vão realizar, e que o exasperado deflagrar das paixões belicas e dos nacionalismos exclusivistas parece torna cada vez mais impossivel, mais inviavel, mais distante no tempo e no espaço.

O problema que o livro de Stefan Zweig Triunfo e tragedia de Erasmo traz de novo á nossa presença é o problema, talvez insolúvel, do valor e da eficacia da acção exercida pela inteligencia no mundo. Grandes? Permanentes? Decisivos? Foram-no, de facto, em Erasmo e em alguns mais, num breve momento de historia. Ma-

drugada timida, embora resplandescente, que não voltou ainda a iluminar-nos. Que volte ou não, porém, a lucidez e a constante actualidade da mensagem de Erasmo são patentes. Sentem-nas, avaliam-nas bem, os filosofos, os escritores, os artistas, e mesmo aqueles que nunca se arrogaram o titulo de pensadores ou criadores. Stefan Zweig, publicando a sua erudita biografia do sabio holandês, contribui largamente para a compreensão e divulgação do espirito humanista, tão necessario ao equilibrio ou re-equilibrio da nossa epoca.

... «Sr. director.—No ultimo suplemento literario do jornal que v. tão dignamente dirige, vem uma interessante entrevista com o ilustre escultor sr. Diogo de Macedo.

No final, o jornalista pede-lhe que diga alguma coisa sobre Arte Negra e a resposta é a seguinte:

—«Já publiquei, Com o Luiz de Montalvor um volume, no qual dizia tudo quanto sabia. Esse album—que era uma bonita edição—tornou-se um misterio...».

Devo, por função do cargo que actualmente exerço, esclarecer a v.:

S. ex.º o ministro das Colonias, no prosseguimento do seu tão elevado plano de propaganda colonial, determinou á Agencia Geral das Colonias que pela sua Divisão de Publicações editasse um Album de Arte Indigena, destinado á Exposição Colonial Inter-

nacional e de Arte Negra, de Napo-

les. Foi encarregado de organizar essa publicação o sr. Luiz de Montalvor, que a esse empreendimento emprestou as suas inegaveis qualidades de cultura e de artista.

De acordo comigo, o sr. Luiz de Montalvor convidou o distinto artista sr. Diogo de Macedo, para escrever um estudo sobre arte indigena.

Em hora boa o fizemos, porque esse estudo, vem confirmar os conhecimentos que o sr. Diogo de Macedo possui, aliados a grandes qualidades de culto e proficiente investigador de arte.

E o album apareceu, honrando pela sua apresentação o pensamento de s. ex.º o ministro das Colonias, o sr. Luiz de Montalvor, que o orientou e o organismo que desse trabalho se encarregou.

Da edição, da qual me julguei no dever de oferecer ao ilustre artista vinte exemplares, porque ele nada quiz receber pelo seu excelente estudo foi enviado para Napo-les o maior numero.

Os restantes, fora a distribuição official, são destinados aos jornais e revistas da especialidade, e os poucos que sobraram, ao publico.

Esta é a verdade, que devo esclarecer V.

Com os proiestos da minha maior consideração, sou, de V. etc.—O Agente Geral das Colonias. (Int.º)—Julio Caiola.

Uma Pele Nova, Branca e Aveludada



Em Três Dias Os Poros Dilatados e os Pontos Negros Desaparecidos para Sempre!

Os desagradaveis pontos negros, as borbulhas, o acné, as grosseiras escamas da pele e as cores amarelas e castanhas provêm dos poros dilatados, poros que se enchem de impurezas gordurosas que as abluções não podem tirar. Todo o poro dilatado é devido á irritação dos poros da pele.

O creme Tokalon cor branca, (não gorduroso) penetra nos poros instantaneamente, acalma a irritação das glandulas da pele, dissolve e arrasta as impudencias profundas dos poros, bem como os pontos negros, fecha os poros dilatados até ao seu volume normal, embranquece e amacia uma pele escura e seca. Graças á sua acção tónica, adstringente e nutritiva, a epiderme mais seca fica tonificada e refrescada. O efeito oleoso e o luzidio do nariz são tambem completamente suprimidos.

O Creme Tokalon cor branca, (não gorduroso) contem agora uma maravilhosa cera nova, macia e nivea, extraída das flôres, combinada com o creme fresco e o azeite predigeridos. Da em 3 dias á pele, uma nova beleza indescriptivel, branca, aveludada e tal que não poderá obter-se de qualquer outra maneira. Deveria ser empregado todas as manhãs.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon (Secção D. L.) 88, rua d'Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

NOTA:—Se tem rugas, se os musculos da sua face estão enfraquecidos, deverá tambem empregar o Creme Tokalon, alimento para a pele, (cor de rosa) á noite antes do deitar—alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono.

UM CONTO POR SEMANA

A alma numa flôr

Terminante prescrição médica arastára-me para o Sul da França. O automovel dum antigo condiscipulo de Toulouse, que algumas ferias passára comigo em Portugal, na quinta de meus pais, transportava-me suavemente através dessa maravilhosa Côte d'Azur, fugindo aos centros de atractivos mundanos, quasi procurando só manter-me no ambiente perfumado da região. Não levava destino certo. Sabia apenas que devia escolher dentro a duzia de casas de saúde que me haviam indicado e de que o «chauffeur» possuía uma lista completa, aquela que mais me agradasse para o repouso de três meses que o doutor impuzera como unica solução para a grave neurastenia que me sobreviera, após a Sua morte.

Uma brisa ligeira obrigava-me a arejar os pulmões com frequencia; o espirito nem a paisagem ridente que se sucedia, ao longo da estrada, como um documentario de imagens policromas, conseguia, porém, livrar da pesada preocupação que uma terrível saudade fortemente alimentava.

Já visitára três das casas indicadas, mas em nenhuma encontrára o ambiente de doce recolhimento que a minha situação exigia. Esta peregrinação—encantadora, é certo, pelo espectáculo de beleza natural que proporcionava—começava, no entanto, a enfadar-me demasiadamente.

Recomendei, por isso, ao «chauffeur» que abandonasse a velocidade de passeio e acelerasse a marcha do motor, para ver se acabavamos depressa com tam aborrecida jornada. E seguia assim o carro, veloz, quando, no final duma curva apertada, nos surgiu, abruptamente, um povoado—mancha alegre sobre um fresco tapete de verdura.

O carro parou e o «chauffeur» trocou meia duzia de palavras com um camponês que estacára quasi ao mesmo tempo e que, depois de me olhar, talvez com piedade, apontou a encosta, dominando o casario alegre e todo o vale sereno que se prolongava para o sul, por alguns quilometros. Ficava ali, com efeito, a quarta casa de saúde da lista. O seu aspecto causou-me impressão diversa da que sofrera ao deparar com as anteriores—edificios simples, ventilados, jardins tratados caprichosamente e, sobretudo, a tranquilidade que me convinha.

Dentro de poucos minutos conversava familiarmente com o director, no seu gabinete decorado com sobriedade. Era um homem absurdamente jovem, optimista, sem o mais leve ar de gravidade.

Depois de ouvir todas as declarações que julguei lhe devessem interessar e de se informar dalguns pormenores da minha doença, disse com visível sinceridade:

—Tenho imensa pena de o não poder servir imediatamente. Pelo que me diz e pela rapida observação que fiz do seu estado, conclui que você, realmente, se cura aqui, em pouco tempo.

«Este clima tranquilo, a amenidade especial da região e, principalmente, a quietude dos meus jardins floridos constituem esplendido remedio para depressões nervosas como aquela de que você sofre. Mas a verdade é que agora não lhe posso arranjar aposentos. Numa clinica moderna, como pretendo que seja a minha, não é possível improvisar quartos para doentes. E neste momento todos estão ocupados.

Observando de certo que as suas palavras me desagradavam, acrescentou:

—Se quizer, porém, entreter-se a passear pelos arredores ou procurar alojamento provisório numa pequena pensão que existe nesta localidade, dentro em pouco poderá instalar-se aqui, pois o ultimo doente que entrou está justamente para sair por estes dias.

—Não se da bem?...—preguntei com a curiosidade natural do doente que inquiri doutro o resultado de determinada droga que ele tomou.

—Nada disso. E' que, ao contrario do que sucede com os restantes internados, o aspecto vivificante dos jardins e a policromia das flôres, excita-o mais... Foi a historia extraordinária duma flor com alma que o colocou no estado de perigosa agitação em que veio para aqui...

Declarei aceitar a solução proposta. Instalar-me-ia, por alguns dias na pensão da terra e iria depois ali fazer o meu repouso.

—Gostaria, no entanto, de ver o quarto...

O meu agradável interlocutor premiu o botão duma campainha e a porta surgiu uma enfermeira:

—O sr. Guillot?—interrogou o director.

—Está calmo. Ainda hoje se não levantaram sequer as cortinas da janela.

—Bem; podemos então lá ir.

E fomos. Uma luz, coada através dum leve cortinado de cambraia, banhava suavemente o quarto. Quasi ao meio da casa estava o doente, estirado numa cadeira de braços, dormitando. A um canto, proximo da janela, uma mulher de cabelos tam claros que pouco contrastavam com a palidez do rosto, lia com o nitido proposito de passar o tempo. Ao ver o director levantou-se e caminhou com cuidado até á porta:

—Já veio a resposta, doutor?

—Ainda não, minha senhora. Mas descance; dentro de poucos dias estará livre de nós—respondeu com um sorriso de condescendente bondade o jovem medico.

Atravessamos depois o quarto, em pontas de pés, até á janela. Afastando um pouco a cortina amarelada, deparou-se-me, na realidade, um espectáculo impressionantemente belo. —Que maravilhosa paisagem—disse quasi entusiasmado.

O doutor tocou-me no braço para recomendar-me silencio e ela, num gesto rapido e instintivo, pôs-me os dedos delicados sobre os labios, como

se eu tivesse proferido alguma blasfemia.

No mesmo instante o doente dava um salto da cadeira e fitava-me com os olhos muito abertos e um ar interrogativo:

—Não murchoi?... Continua viva?... Diga, senhor, vem trazer-me noticias da minha pobre flor?...

Impressionado com a figura daquele homem, novo ainda, mas com a cabeleira quasi branca e a pele da face bastante macerada, pretendi retirar-me. O proprio medico, segurando o doente e procurando acalmá-lo, fez-me sinal para sair.

Ele, porém, não consentiu e obrigou-me a sentar numa cadeira proximo daquela onde caíra, apoderado de grande excitação.

—Então o sr. não sabe noticias da minha flor?

E com ar de humilde supplica:

—Diga, sinceramente, não sabe?...

Abanei a cabeça, mais por não compreender o espectáculo a que assistia do que para responder á pergunta. Ele já irritado:

—Ah! Não sabe?... Mas conhece concerteza o meu caso. Creio que neste momento toda a França o conhece. Não sei mesmo se correrá mundo a triste historia do meu crime...

Ohou, desconfiado, a mulher que, numa atitude de tocante melancolia, ouvia as suas palavras:

—Não foi só minha a culpa. Aquella senhora colaborou directamente comigo e cúmplices houve mais...

Cerrou a seguir as palpebras, fatigado, mas para se assegurar de que eu me não retirava agarrou-me fortemente um pulso. Dai á instantes, com aspecto mais sereno, começou a descrever o «seu caso».

Desposara uma mulher encantadora e delicada como uma planta rara. Na intimidade do seu lar feliz tratava-a mesmo, romanticamente, por «minha flôr», como se fosse essa expressão a imagem exacta da feminilidade da esposa jovem.

Passados poucos meses de verdadeiro e permanente idílio, quando seguiam ambos alegres, despreocupa-

dos, a caminho de Paris, após um «week-end» decorrido em pitoresca povoação dos arredores, deu-se um desastre tremendo.

Por mais esforços que tenha feito, não consegui ainda explicar a origem do acidente. Do que se passou depois não possui sequer uma idéa vaga. Recordo-se apenas de ter acordado mais tarde, com a cabeça entapada, num quarto claro entre pessoas de familia e uma enfermeira bondosa.

—Minha flôr...—foram as primeiras palavras que pronunciei.

Explicaram-me que estava noutro quarto, mas que não a podia ver, para lhe evitar mais emoções. Decorridos dias, entre mil cautelas, participaram-me a viuvez. Não quizera acreditar.

—Por que não ma mostraram morta, ao menos?... E' impossível que a não torne a ver!—disse chorando mais de indignação que de saudade.

Um mês depois podia sair. A primeira visita foi ao cemiterio onde lhe haviam dito que a esposa repousava. Acompanhado do irmão, percorreu as ruas estreitas, ladeadas de tumulos, com a maior indiferença. Pois se não acreditava que ela ali estivesse!...

O irmão parou a certa altura—era ali. Olhou então e um calafrio forte fê-lo ajoelhar. Sobre um pequeno monte retangular de terra acastanhada florescia uma planta estranha, de beleza inebriante...

Acreditava finalmente. Ela morrera na realidade e a sua alma delicada, fragil como o proprio corpo, dava agora expressão aquella flôr encantadora.

A partir dessa data uma unica preocupação ocupava o seu espirito: aquella flôr maravilhosa, que cuidadosamente transplantára para um vaso e que passou a desempenhar o principal papel na vida da sua casa. Evitava que o sol lhe desse demasiadamente e não consentia que uma corrente de ar lhe fizesse tremer as

(Ve, continuação na 8.ª pagina)

TRAJOS PITORESCOS DA ROMANIA



Um dia de festa em Lechnitz

(Do livro «Roumanie», de Kurt Hielscher)

**Dez minutos
com****Vitorino Nemésio**

por Aquilino Ribeiro

Há nos Jerónimos uma capela de mármore, esculpido mármore, branco ou ligeiramente lido não me lembro bem, de nobre traça, solene e austero ambiente: o mausoléu de Alexandre Herculano. Guardo a impressão de que os restos mortais do historiador ficam bem naquele recinto vedado, com o seu sopro de frialdade e de mistério. Pois segundo monumento por certas facetas semelhantes àquela, excepto bem entendido, não ser tumular, surgiu recentemente: «A mocidade de Herculano» por Vitorino Nemésio. Mas se a capa dos livros se me afigura da cor da pedra, é pelo sumptuoso e lavrado da matéria, pelo desenho largo e majestoso, pela serena e reposante firmeza de linhas, que a minha imaginação teima pô-los em paralelo.

Escreve o autor no portico do seu formoso trabalho: «Por isso, entre as inibições que me trabalharam ao longo de três anos de intimidade herculaniana, de sofrimento e por vezes doloroso estado de corpo aberto para receber o grande espírito, o receio de produzir aquele puro alinhamento de factos que desprezou Gundolf no seu Goethe foi a maior talvez». Nemésio não alinhava factos, antes os entrecruzou com tão consumada mestria que o seu edifício é a própria e complexa vida. E porque assim é, e o mundo, como queriam os sofistas, não representa mais que um jogo fantasmagórico de acasos, não será descabido frisar a sorte de Herculano, misantropo, fugido a toda a casta de honrarias, com o seu tanto de dogue no facies físico e social, que encontrou um devoto do estofo mental de Nemésio. Que lhe cabia tal direito ninguém ousa contestá-lo, mas não é menos caso para desta feita abençoar o destino, divindade extremamente desigual e caprichosa. Evidentemente que os homens disfrutaram no tempo e no espaço uma soma de vida proporcional à obra legada. Mas não é menos certo que, além dessa, têm vida própria aqueles que pelas virtudes podem ser apresentados para espelho de seus semelhantes. Herculano é destes e na pintura da sua humanidade excepcional se ocupou Nemésio. Ainda ha outros que sobrevivem, independentemente da obra, sorte de almas penadas e errantes, daquelas que Hades não aceitaria no reino das sombras, e que ficam a representar pelos tempos fora a imensa e absurda tragédia de viver. Desta categoria é Camilo.

Na nossa terra, pequena em tudo, a estatua de Herculano é fora de normal. A sua lavra de escritor foi, além de fecunda, brilhante agradável e harmoniosa. Do seu próprio folego épico ninguém se permite agradecer. A sua musa é melancólica e, enluarada de divino, nunca avisou Pan e as ninfas entre os bosques, mas não deixa de ter o seu sortilegio na seriedade e compostura. Tampouco a sua pena de didacta alguma vez faltou à obrigação de ser bem intencionada e obedecer ao lema de esclarecer e sanear o mundo das idéas varrendo absurdos e miasmas dos cantos escuros e infetcos.

A «Historia de Portugal» e a «Historia da Inquisição» são o ponto de partida para a época de racionalidade na investigação e determinação de factos que dizem respeito à existência e vicissitudes do povo português.

Como homem, através de todas as modalidades, Herculano era talhado numa só peça. Nada de duplicidade nem de tintas furta-côres. Debalde o mais céptico ou zoilo espreitará com lupa para dentro daquela sua rigidez e integridade na esperança de ver luzir hipocrisia. Herculano é Herculano. Ao homem majestoso que certo dia o viera tentar com as miragens do poder pessoal, no proposito de atraí-lo à causa, como Satanaz a Jesus no pincaro da montanha, respondera apontando a porta:

—Saia de minha casa; imediatamente que não quero ouvir-lhe mais uma palavra!

Eis o homem a quem Nemésio acaba de elevar o monumento condigno do seu génio, da sua grandeza cívica, da sua vasta e abnegada obra, monumento, na espécie, do melhor que possuem as letras portuguesas.

AQUILINO RIBEIRO

Poemas modernos**A UM ESTRANGEIRO**

*Isto de ser poeta e português
Não é tão simples como imaginais.
Vêde em Camões, Antero e Pascoaes,
O que essa estrêla dúplice lhes fez.*

*E' uma f'rida que não sára mais
A que fizer a luz que alguma vez
Aureolou as fronteas d'esses três
E doutros, cujas vidas ignorais.*

*Gomes Leal, Cesário Verde tantos:
Se fóssem doutro povo, doutra raça,
Seriam geniais, mas sem desgraça.*

*Os poetas, aqui, são como os santos:
Não conhecem os frutos dos seus prantos
E a glória é póstuma ilusão que passa.*

QUIROMANCIA

*Já não inspira compaixão,
O teu gesto, mendigo esfarrapado:
Na palma da tua mão
Lê-se a palavra «civilização»,
— Não se lê a desgraça do teu tado.*

CLAMAVI AD TE

*Apenas hoje! apenas uma vez,
Fala de modo que a verdade seja
Tão clara e transparente, que eu a veja
Num cristal da mais pura limpidez!*

*Talvez seja loucura o que deseja
A minha insaciedade. Sim, talvez:
— Que tu fosses, falando, a outra que és,
Com a alma nos lábios, quando beija*

*Mal empregado privilégio, a fala,
Que traduz a verdade em que pensamos,
As palavras gastando em ocultá-la!*

*Que seja assim quando se odeia, vamos!
Mas para quê se dissimula ou cala,
Quando tudo nos diz que nos amamos!?*

OBSTINAÇÃO

*A' procura de Deus, andamos todos nós,
Poetas, desde quando a Poesia é Poesia:
Caminho que nos leva aonde principia
A dívida maior, a ânsia mais atroz.
Mas sempre em nós renasce a 'sperança de que um dia
Talvez a Sua Voz responda à nossa voz...*

CIDADE

*Na cidade, quem olha para o céu?
— E' preciso que passe um avião...
Quem me dera o silencio, a solidão,
Onde pudesse, alguma vez, ser eu!*

*Na cidade nasci; nela nasceu
A minha dispersiva inquietação.
E o meu tumultuoso coração
Tem o pulsar caótico do seu.*

*Ah, quem me dera, em vez da gasolina,
O cheiro a terra húmida, a resina,
A flores do campo, a leite, a marezia!*

*Em vez da fria luz que me alumia,
O luar, sobre o mar, em tremutina...
— Divina mão compoendo uma poesia.*

CAPRICHOS

*Podes dormir. Podes dormir, serena,
Como dormias em pequena,
Depois da benção maternal.
Não rezaste? — Não rezes, não faz mal!
Ha um condão em ti,
Ha um halo divino, que eu bem vi
Na tua fronte, a iluminar-te o berço,
A' flor das ondas, nesse mar que existe...
(Não digas que nunca o viste!)
Suspensão no Universo.*

ULTIMO SONETO

*Se me sobrevivesse, imperecida,
A memoria da angustia que sofri
Na desordem do tempo em que vivi,
Já tinha fundamento a minha vida.*

*Debrucei-me na Historia, mas não vi
Outra idade com esta parecida.
Tantos caminhos, tantos! — e perdida
A noção de chegar até aqui!*

*Arvore do passado! Já não cabem
Mais ilusões á sombra dos teus ramos,
E os teus frutos, agora, a nada sabem!*

*Poesia! Onde me levas? Onde vamos,
Se as fórmulas antigas não nos abrem
O misterio da treva que sondamos?!*

CARLOS QUEIROZ

Do livro inédito
"DESAPARECIDO E OUTROS POEMAS."**POMBOS CORREIOS**

● Nos primeiros dias de abril será posto á venda um novo livro de Joaquim Paço de Arcos, o autor do *Herói derradeiro*, intitulado: *Amores e viagens*, de Pedro Manuel.

● O sr. dr. Orlando Marçal tem pontos dois romances, um em que debate uma tese psicológica, intitulado *A Sombra*, e outro, narrativa dum individuo do nosso tempo, que se chama *O Vencido*.

● Alberto Serpa vai publicar um livro com o título *Descrição*.

● Fernando Pessoa vai reunir em volume os seus estudos sobre Antonio Botto.

● Intitula-se *No mesmo estilo...* o livro postumo de Henrique Roldão, que vai ser publicado.

● Apareceu agora, em Espanha, uma bela edição do *D. Quixote*, que é uma reprodução perfeita da primeira tiragem do celebre romance de cavalarias.

Devemos dizer que Portugal tem a prioridade nesse genero editorial. Ha anos, o sr. dr. Jaime Cortesão publicou pela Biblioteca Nacional, de que era director, os *Lusiadas*, conforme a edição princeps numa reprodução perfeita.

● O Club Literario de Polonia concedeu o seu primeiro premio anual ao poeta José Wittlin, pela sua tradução da *Odisseia*. A direcção daquele organismo entende que o labor de Wittlin

demonstra um fecundo esforço para adaptar á literatura nacional, com forma moderna, uma obra de valor secular.

● O grande escritor Stefan Zweig, talvez o maior do nosso tempo, publicou agora um estudo critico-biografico sobre Erasmo, que ele classifica do primeiro pacifista da Europa. A obra é uma eloquente apologia dos ideais humanistas. Nela Zweig quiz dar toda a grandeza e miséria do erasmismo.

● O ultimo numero da revista belga *Jornal dos Poetas* é consagrado inteiramente a poesia de temas religiosos. Não figura nela, segundo a noticia que lêmos, nenhuma obra portuguesa.

● Livros portugueses que se vendem mais durante a semana:

As *belas artes plasticas em Portugal durante o século XVIII*, do dr. Xavier da Costa e as *Ruinadas do Imperio Russo*, de Chaves Nogales, tradução. Livros franceses: *Guilherme II e Nicolau II*, de Paleologue, e *Theorie de L'Etat*, de Kelsen.

● Editada por João de Eça vai publicar-se uma grande *Enciclopedia luso-brasileira*, que será dirigida pelo dr. Antonio Sergio, Magnus Bergstrom, Antonio da Costa Leão, dr. Antonio Maria Godinho e João de Sousa Fonseca. O primeiro volume será posto á venda no fim deste mês.

● O premio literario *Cartago* que e

atribuido em França, á obra literaria de documentação ou de imaginação que diga respeito á Africa setentrional, recaiu este ano sobre o romance *Le Chef á l'étoile d'argent*, de Joseph Peyré. O premio é de quatro mil francos.

● Joaquim Leitão prepara dois livros: um, romance, e outro, de novelas, ambos passados no ambiente da Renascença italiana.

● Luiz Montalvor vai publicar um livro, com o título *Poemas*.

● Recebemos o numero de fevereiro da *Broteria*, uma das nossas melhores revistas culturais.

● O professor sr. dr. Queiroz Veloso tem no prelo uma obra de grande investigação e documentação historica, intitulada *D. Sebastião*.

Julgamos saber que essa obra, feita com um moderno sentido de critica, vai causar sensação e discussão.

● Recebemos o numero referente a março da *Vida Contemporanea*, dirigida pelo sr. Cunha Leal. Neste numero, que tem um alto interesse intelectual, colaboram os srs. José de Oliveira Martins Boleu, Eugénio Soares Branco, Almerindo Lessa, António de Carvalho, Cunha Leal e Vasco da Gama Fernandes.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

UM ROMANCE DE AMOR

A PAIXÃO DE CORINA

Algumas paginas de «Um Escultor de Almas», de Freyre Corte Real

Fitaram-se um momento enleados, sem dizer palavra, e sentiam-se córar um em frente do outro, como se ainda não fossem noivos.

Por mais duma vez, os seus lábios esboçaram um movimento quasi imperceptível, como de quem pretende pronunciar uma palavra, mas não sabe como a principiar.

Ambos se sentiam arrastados a uma necessidade de confidencias que não procuravam dissimular.

Muito sós, seguiam pela avenida principal do jardim num passo miudinho. Ele cingia-lhe suavemente a cintura com um dos braços.

—Se soubesses como te adoro!

Caminhavam tão juntos um do outro que mal podiam andar. Assim, seguiam de vagar conversando baixo, por entre uma aluvião de flores de tamanho e cores diferentes.

—Só o amor, meu bem divino, sabe fazer o milagre de acordar as vidas quietas, os peitos adormecidos!

Ele tinha pronunciado aquelas palavras numa forma doce de evocar.

Fixava, com apaixonado interesse, a curva da cintura, o seu modo de andar, o rugir do vestido, o som da voz e o ruído dos passos. E sempre que podia, ia-lhe prendendo capciosamente a vontade hesitante com a musica entorpecedora da voz.

—Terei sempre por ti a mais doce ternura e a melhor dedicação de todos os instantes.

E calou-se, embriagado, como se a essencia daquele amor transformada num capitoso vinho a tivesse acabado de beber por um calix de ouro.

Corina fazia demora o seu olhar no céu distante, onde passavam rápidos os voos dos passaros.

A's vezes os gritos vivos e curtos das andorinhas, que quasi passavam rente dela, perturbavam levemente a alegria dos seus lindos olhos.

Ele, fitava-a cheio de curiosidade, e todo o seu desejo era poder beijar-lhe a boca fresca, dum perfume de mel.

De todos os lados, os arbustos floriam e formavam um pequeno bosque, onde apenas havia raras clareiras ocupadas por tufos de rosas e gladiolas. Dos ramos dos olmos e dos azuleiros, flores de variegadas cores caíam em grinaldas.

Algumas, dum desenho largo e nobre, trepavam com delicadeza pelos troncos das arvores até se debruçarem balouçantes nos seus ramos.

—Ha na minha alma um paraíso que te pertence, que é só teu. Tu és a mulher e a mais doce criatura que eu tenho sonhado, a unica que o meu coração podia ambicionar!

Contava-lhe todas estas coisas numa voz indizível de paixão, com um acento, cuja entonação parecia vir de longe, de muito longe, entrecortada e indefinível.

Ela, cheia de enlevo, com as palpebras meio cerradas, escutava, como num sonho, a musica daquela voz bem timbrada.

Alta, muito elegante, os olhos grandes dum azul suave, tinha o rosto nobre de uma delicadeza requintada.

Por entre as copas das arvores que lampejavam á fulguração do sol, as andorinhas cruzavam-se em vôo sereno. Uma tira da paisagem azulada, recortada entre duas faixas, fazia um fundo longinquo.

—Quantas vezes a sonhar, tenho pronunciado o teu nome!—e o seu olhar procurava prendê-la.

Sentia-se invadido de desejos indefinidos e de vagos desfalecimentos, sempre que atentava na sua formosura privilegiada.

Sob as cambraias finas, quasi transparentes do seu vestido branco, adivinhava as formas tentadoras dum corpo esbelto de mulher adorável, e pela cor das faces e das mãos macias, reconstrua febrilmente todo o seu busto numa nudez triunfante.

Numa alegria de noivos, percorreram a bela alameda, sob a abobada de arvores gigantes.

Ela levava sombrinha aberta, encostada ao ombro, o rosto levemente

Aqueles que duvidam da existencia do romance em Portugal, como escola literaria, com características proprias de autonomia, devem ler Um escultor de almas, de Freyre Corte Real. Trata-se duma obra bem articulada, romance autentico, tanto pelo desenho das figuras, como pelo movimento do entrecho. Sente-se que o escritor, na posse de todas as facilidades não receia acometer um assunto que exige não apenas tecnica — e esse clara, nitida, excelente de virtuosismo — mas também uma larga e poderosa emoção.

Um escultor de almas revela-nos um escritor feito, de belo tipo romantico, embora dentro duma maneira francamente moderna. Ha que contar com ele, marcando-lhe um lugar de relevo, na falange das letras, e ler o seu belo livro, que é uma das melhores revelações dos ultimos tempos. Transcrevemos as primeiras paginas:

purpurado. Seguiu encostada ao braço dele, num confiado abandono, como se já fôra sua mulher. Inocente e pouco curiosa, não dava pelo misterio de que o seu noivo continuava a rodear-se.

Assim, tudo tinha corrido calmo e feliz na sua vida. Se o dia todo passava sem ele aparecer, Corina quasi enlouquecia de inquietação mas no dia seguinte quando se fazia anunciar a sua felicidade, como se toda andasse com ele, entrava em casa e logo ela parecia reviver.

Discorriam com delicadeza confidencias de nupcias, entre aromas de pétalas e sorrisos.

Ele, evidentemente por calculo, dava á voz uma inflexão carinhosa e tinha para ela palavras extremamente meigas.

—Como é perturbadora a tua graça e como és bela, quasi divina para mim!

Aquella magia de idolo embriagava-a nas incomparáveis doçuras que ele lhe oferecia com uma adoração hipnotisante.

Sentaram-se ao pé de uma arvore de larga copa, cujas folhas esguias e recortadas deixavam cair em chuva, sobre eles e sobre a relva em volta, tenues raios de sol. Borboletas das mais variegadas cores revoloteavam por sobre flores exquisitas, que coloriam os tapetes de verdura e pendiam em tufos e ramos até ao leito dum pequeno regato.

O sol caindo de um céu calmo e abrasado insinuava-se através da espessa abobada de arbustos e amornava a frescura da agua.

Muito juntos naquele enleio, olharam-se em silencio até ao fundo dos olhos e ambos se sentiram perturbados.

Mosquitos fugiam em nuvem da agua, sempre que alguma ave sequiosa abatia o vôo para beber, e muito altas no azul do céu luminoso, inumeras andorinhas cruzavam-se rapidas como flechas, em vôos flechuosos, lançando gritos no ar calmo.

—Como adoro o movimento da tua boca quando ela pronuncia o meu nome, nessa tua voz linda de cristal!—e o ardor do seu olhar procurava penetrá-la toda.

Ela semi-cerrou as palpebras com um leve tremor de pestanas. Estava levemente córada e sentia-se um pouco confusa. As palavras do noivo, ondulavam na sua alma inquieta, como palpitações de uma vida desconhecida cheia de misterio.

E fazendo um pequeno esforço por dominar o seu doce enleio, as pestanas tremiam-lhe, como se o fio de um sorriso se lhe quizesse escapar das palpebras.

Escondido na rama dum olmo, um rouxinol na sua voz limpida cantava com uma alegria ruisselada.

Corina, invadida por uma comoção agradabilissima, não tentava lutar contra ela. No seu delicioso abandono, parecia-lhe viver muito mais alto entre o deslumbramento duma aventura ha muito esperada.

Balanco do ano literario no Brasil

Se a literatura portuguesa é, hoje, quasi exclusivamente retrospectiva, a literatura brasileira é prospectiva. Daí em Portugal abundarem, todos os dias, ensaios de interpretação do caso nacional. De entre esses ensaios destaca-se o «Brasil errado», de Martins de Almeida, livro



JORGE LIMA

um tanto pessimista mas corajoso, em que se faz a critica implacavel do bovarismo brasileiro. Reagindo contra a satisfação de si proprios, em que viviam os brasileiros das gerações anteriores, os novos ensaístas exageram, um pouco, a critica aos defeitos nacionais. O Brasil passou, em 1930 e em 1932, por convulsões politicas que trouxeram á superficie algumas deformações organicas. Mas esse periodo de criticismo parece estar dando lugar a outro, de fecunda criação literaria.

Os brasileiros, depois de criticarem o seu país, estão, agora, a descobri-lo. Aos ensaístas succederam os romancistas. E como o Brasil é imenso e variado, não faltam os assuntos nem os tipos romanescos. O Norte, sobretudo, com as suas misturas de sangues e com uma população mais proxima da natureza, parece uma seara de romancistas. As terras que a séca torna ingratas são fecundas em homens de letras. Todos os dias aparecem novos romances de

escritores do Norte: «Os Corumbas», de Amando Fontes; «Cahetés», de Graciliano Ramos; O «Quinze» e «João Miguel», de Raquel de Queiroz; os romances baianos de Jorge Amado, e a série ciclica de José Lins do Rego. A serie de romances de Lins do Rego, começada com «Menino de engenho» e continuada com «Doidinho», foi este ano acrescida do «Banguê», livro admiravel, que consagra o seu autor como grande romancista em qualquer parte do mundo. Esses livros, em que ha muito de auto-biografico, narram a vida dum brasileiro do Nordeste desde a sua infancia. Mas o grande drama que eles revelam é a decadencia da economia patriarcal das velhas familias de «senhores de engenhos», aquilo a que os brasileiros chamam a «civilização do açúcar», atingida, primeiro, pela abolição da escravidão, e, depois, pela industrialização moderna. Essa forma de civilização, que foi a do norte do Brasil desde os primeiros tempos coloniais até quasi aos nossos dias, serviu de tema a Gilberto Freyre para uma obra de estudo verdadeiramente monumental: «Casa grande e senzala».

A literatura proletaria, de intuitos sociais, tem o seu representante em Jorge Amado, que este ano viu o escandalo coroar o seu romance «Suor». No seu livro anterior, «Cacau», já em segunda edição, este jovem romancista descreveu a vida dos trabalhadores das plantações que fazem a riqueza do seu Estado. E viu, apenas, a miséria dos trabalhadores e as desigualdades sociais. No «Suor» pinta, com cores terrivelmente sombrias, a existencia do proletariado da cidade da Bahia, sua terra natal. O romance, extremamente curioso, é constituído por uma série de cenas, tendo por unica ligação o local em que todas se passam: um velho predio habitado por gente pobre. A linguagem é excessivamente crua e, muitas vezes, desnecessariamente grosseira, mas o livro tem poder dramatico e afirma um talento.

Ao lado deste, outro homem do Norte manifesta na prosa qualidades bem distintas. Grande poeta, Jorge de Lima deu este ano dois livros que são a afirmação dum prosador. O primeiro, «O Anjo», é um pequeno romance super-realista que melhor se pode considerar um poema. Alguem comparou «O Anjo» aos filmes de desenhos animados, e, com efeito, esse livro é uma sucessão de imagens extraordinariamente poeticas mas absurdas. Obra de poeta é, ainda, o «Anchieta», biografia do grande jesuita apostolo do Brasil. O escritor modernista que é Jorge de Lima tratou essa figura como um escultor medieval, com todo o sabor popular e todas as incorrecções de forma. E fez um livro imperfeito mas interessantissimo.

No Estado de S. Paulo, ao sul do Brasil, teve origem o grande movimento modernista que revolucionou as letras brasileiras. Foi iniciador dessa obra de transformação Mario de Andrade, secundado noutros pontos do país, por Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Raul Bopp. Apenas o ultimo destes poetas nos deu, ultimamente, um livro de versos, «Urucungo», colectanea de «poemas negros» feita pelos amigos na ausencia do autor, sempre em viagem pelo mundo. Jorge de Lima, como poeta, limitou-se a reunir os seus «Poemas escolhidos». Manuel Bandeira não publica nada desde 1930, a não ser critica literaria nos jornais e uma ou outra poesia em revistas. Mario de Andrade, que é um grande trabalhador, e tem uma actividade multiforme, publicou dos livros de prosa, um de criticas musicais, «Musica, doce musica», e outro de contos, «Belazarte». O primeiro não tem a importancia excepcional do «Ensaio sobre musica brasileira» e do «Compendio de historia da musica», de que este ano saiu a segunda edição. Estas obras, sim, dão a Mario de Andrade o titulo de maior musicografo do Brasil. Maior musicografo, maior folclorista, grande critico, grande prosador, poeta curiosissimo, Mario de Andrade é, sobretudo, o autor duma obra extraordinaria: «Macunaima, o heroi sem nenhum caracter». Escritor desigual, muitos dos seus livros fazem-nos pensar na sua grande obra, que é de 1928. Mas os contos de «Belazarte», se não têm a importancia do «Macunaima», são dignos do talento, incorrecto mas enorme, de Mario de Andrade.

O teatro, conheceu um exito desacomumado no Brasil. Falta a esse país uma tradição teatral, resumindo-se a sua produção dramatica a tentativas sem eco nem continuidade. Mas Joracy Camargo foi mais feliz que Coelho Neto ou Alvaro Moreyra. A sua peça «Deus lhe pague», teve grande exito na cena e em volume. No palco, serviu-a o talento do actor Procopio Ferreira; em livro, auxiliou o seu exito a intenção critica. Trata-se, de facto, de uma obra critica social, embora sem intuitos politicos. Os brasileiros, hoje não querem ver só literatura nas obras literarias, mas uma intenção moral ou social, revolucionaria ou religiosa.

Estes não são, sem duvida, todos os livros aparecidos no Brasil durante o ano literario de 1933-1934, nem, sequer, todos os livros dignos de interesse. E' extraordinaria, pela intensidade, a produção literaria do Brasil. Mas é igualmente extraordinario o numero de escritores de talento, sobretudo de escritores novos. E' quasi impossivel, por isso, resumir a actividade das letras brasileiras em meia duzia de linguados.

OSORIO DE OLIVEIRA

UM ANIVERSARIO

"Orpheu"

(Continuação da 1.ª pagina)

Dirão: Como pode ser se estavam em «Orpheu» dois brasileiros? dois americanos?! Isto mesmo ajuda-vos a responder. E na resposta fica também demonstrada a independência que dissemos já dos colaboradores de «Orpheu».

Ronald de Carvalho, precisamente o escritor brasileiro, colaborador de «Orpheu», escreve nos «Estudos brasileiros»: «O nosso dever é destruir o preconceito europeu... Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano». Isto quer dizer: o que para o português representa o europeísmo, é evidentemente para o brasileiro o americanismo. O brasileiro ha-de encontrar a sua humanidade dentro do americanismo. O português é que não pode deixar de ser europeu, e cada vez menos pode deixar de o ser, pela simples razão de que a Europa é cada vez mais Europa.

«Já lá vão aqueles tempos em que Portugal foi a mais rica nação da Europa. E foi ao tornar-se Portugal a nação mais rica que desequilibrava por isso mesmo a Europa inteira.

Hoje a Europa é uma unidade nascente. Longinquamente iniciada pelas Descobertas marítimas dos portugueses, esta unidade da Europa concretiza-se hoje nos nossos dias. Portugal, que provocou essa unidade será acaso o primeiro a surpreender-se agora com ela?» (1)

Não deixava de ter razão de ser, digo razão de ser, o ensaio «Portugal» do conde de Keyserling.

E' um europeu quem pergunta porquê Portugal, que foi o melhor dos europeus nos tempos em que a Europa apenas começava, não o é hoje também quando a Europa entra já na sua maioridade?

As respostas portuguesas a este ensaio vieram todas zangadas. E' difícil de compreender o europeísmo.

«Descobrimento» de 1931, revista literaria (perdão, «de cultura»), termina o seu comentário ao ensaio de Keyserling com estas palavras:

«Basta-me que deste comentário ressalte o erro do ponto de vista europeu para observar e compreender Portugal».

Como se vê por este comentário, tinha razão de ser o ensaio do conde de Keyserling.

E vai ser difícil o português entender o Portugal europeu. Bem mais difícil do que o brasileiro entender o Brasil americano.

Enfim, foram estas as duas características mais importantes de «Orpheu»: portuguesa e europeia.

Para a conquista da «élite» portuguesa encontrara «Orpheu» o caminho heroico: cultura individual, portuguesa e europeia.

Não se ha-de enganar quem vir no escândalo produzido pelo aparecimento de «Orpheu», preguiza portuguesa fortemente incomodada por este desafio de acção. A preguiza individual portuguesa, digo, que é pelos vistos incomparavelmente maior do que a preguiza colectiva portuguesa.

E' que «Orpheu», meus senhores, foi o primeiro grito moderno que se deu em Portugal.

«Orpheu» é o pioneiro do movimento moderno em Portugal!

E segue.

Lisboa, março de 1935.

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

(1) Das «Cinco Unidades de Portugal», de José de Almada-Negreiros, 1930 (inédito).

A sala-restaurant do CAFE-«CHIC» tem conforto, asseio inexcusável, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.

—Porque a não visita V. Ex.?

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

Adolfo Casais Monteiro

director da «Presença»

afirma que a literatura moderna revela um humanismo criacionista

Adolfo Casais Monteiro é outro director da Presença. Embora a sua obra tenha a tonalidade proustiana desse grupo literario dinamico e revelador, ela destaca-se luminosamente com um poder comunicativo e humano. Não é um lirismo, velha escola, preocupado da musicalidade das rimas, orquestral e sonoro, mas vazio, escravizado ao metro e torcido numa jaula de ferro, como um escravo romantico plangente de litanias, mas alto e divergente, com perspectivas novas, geometrias de forma, em que a idea tem um valor matematico, ora acusando-se severamente sem ornatos, mas densa de materia, ora sugerindo pelo encontro arritmico das palavras profundas ressonancias de alma, na sua parte mais nobre, mais intelectual.

Por vezes, em Casais Monteiro, a sensação dá uma emoção — oásis raro — na sua raza planicie intelectual. Pemas do tempo incerto, tem o valor duma nova poesia, cortada, dissonante, nervosa, introspectiva, com choques de cores, volumes ineditos — mas penetrante de contacto. Pode estranhar-se a obra, de tal maneira a sua fisionomia é original, mascara nua e palpitante. No mesmo estilo, embora menos perfeito de escola, o seu livro de versos: Confusão, mas, no entanto, duma maravilhosa economia lirica.

Adolfo Casais Monteiro tem ainda outro aspecto: o de critico. Trabalha a literatura como um cirurgião. E' um dissecador notavel, duma pericia operatoria que, embora lhe tenha provocado muitos adversarios, lhe desagregou também muitos admiradores. Intelectual puro, fazendo da critica uma verdadeira ciencia, a: suas analises são sempre impeccaveis, e até mesmo, irrefutaveis.

O cerebralista que ele é, devendo-se a si proprio, não transige, mas também não especula. Os seus raciocinios são como os teoremas: matematica de opiniões, que ele enuncia e demonstra, no quadro restrito dos valores nacionais.

O seu depoimento corajoso é mais uma manifestação do seu intelectualismo puro. Ele marca a rota a seguir indo á frente, na sua marcha de explorador e de desbravador literario. Ha quem o siga, embora o caminho seja duro, tanto mais que o sol está por ele.



ADOLFO CASAIS MONTEIRO

cença grassa entre nós, é bem difícil que tudo isto seja aceita sem uma prévia e violenta reacção. Essa epoca de reacção começa, porém, a entrar em crepusculo: veja-se como os dois maiores poetas dessa geração, Fernando Pessoa e José Régio, vão a pouco e pouco conquistando o publico, esse publico que não ha muitos anos apenas sabia escarnecer de tudo o que fosse ou parecesse modernista.

—O romance tem cultores de envigadura? Acompanha as tendencias hoje dominantes na literatura estrangeira?

—A debilidade do romance, bem como a do teatro, é hoje ainda um dos sintomas de desequilibrio do nosso genio criador. Parece, porém, que podemos esperar, pelo menos para o romance, um periodo de fecundidade tal como ainda não houve. Tudo, por enquanto, é impreciso: Ferreira de Castro, apesar de uma obra já extensiva, não conseguiu ainda o equilibrio, mas as grandes qualidades reveladas dão-nos o direito de esperar muito dele. Rodrigues Migueis, José Régio, Gaspar Simões, começam, e não podemos senão esperar o que prometem as obras de inicio por que se revelaram. O certo é que, na geração anterior, não existe um unico romancista. Aquilino Ribeiro, novelista, e principalmente contista admiravel, não conseguiu escrever um unico verdadeiro romance. Ainda acêrca de alguns — talvez de um só? — dos valores mais recentemente afirmados no romance, tenho visto referencias sem endereço mas cujo alvo se adivinha (essa sibilina insinuação sem citar nomes é um dos mais repugnantes processos de atacar quem, por sua vez, por motivos que não digo) e todos sabem, (não se pode defender): ataca-se o que não nos agrada dizendo que é imitação da literatura estrangeira. Por outro lado, esses mesmos puristas são capazes de afirmar que é preciso integrar Portugal na Europa. Quando é o nacionalismo que se imita já está bem.

Mas está mal se uma obra revela, sem haver qualquer imitação, tendencias identicas á que revela o melhor da produção estrangeira.

E terminando:

—Tudo isto revela confusão de planos, e a inexistencia espiritual dos que alardeiam de defensores do espirito. Do espirito! Eles que se têm na boca palavras decoradas, e á seriedade dos que procuram a beleza, dos que inquietamente lutam pelo enriquecimento humano, só sabem responder com palavras de mestre-escola: calai-vos, porque nós é que sabemos o que é a verdade e o que está bem. Mas a obras responde-se com obras: que esse espirito se manifeste em criação literaria e não em discursos, e terá o direito, não a impôr — mas o direito a viver como criadores e a vêr-se tomados em consideração.

—Quais são as características da actual literatura portuguesa? Pode definir-se uma escola, destacar valores, distinguir formas literarias?

—Hoje, como sempre aconteceu, diz-se que a literatura está em crise. Certo é que sempre entre nós se leu pouco — e mal! Certo é que sempre faltou ambiente, que sempre a obra literaria teve pouca repercussão. Actualmente — e foi sempre assim! — a maioria do publico é amorfa. A obra é, porém, independente da sua repercussão ora, não ha crise de produção literaria, bem pelo contrario, e atesta-o a qualidade do melhor do que se tem publicado nos ultimos anos.

—Qual a tendencia da nova geração?

—Na geração literaria que avança manifesta-se uma comum tendencia: tudo lhe tem sido adverso: o publico como a critica. E todavia, consciente de que seguia o unico caminho que coerentemente podia seguir, não se tem desviado um passo; indiferente aos sarcasmos, á opposição de que tem sido objecto. Quando digo «a geração que avança» não me refiro a nenhuma escola — que não as ha. Refiro-me sim a um conjunto de personalidades que, não obstante as mais diversas tendencias, têm em comum alguma coisa que se aproxima, e dá unidade á produção por que se revela.

—Características.

Em primeiro lugar, distingue-se o sentido da auto-critica, a honestidade que cada um põe em julgar-se a si proprio. Em seguida, a extensão ao panorama literario do momento desse mesmo espirito, mas voltado para o exterior, numa revisão de valores. A' arbitrariedade e falta de autoridade da pseudo-critica, compare-se o esforço manifestado em parte da pequena imprensa e em algumas revistas, a honesta e desinteressada preocupação de clara distinção e avaliação de valores.

—O bem e o mal nem sempre se distinguem. Combinam-se por vezes!

—Quere-me parecer que esse vigor nascente da critica não é senão um dos aspectos dum grande movimento evolutivo, que tem como centro dinamico a necessidade — que já começa a encontrar eco em parte do publico — de valorizar, como base da criação, um criterio formal. Daí o abandono da retorica, do efeito exterior, como consequência da crença segundo a qual não ha beleza nem puro jogo de palavras, em simples acrobacias verbais,

mas que ela é inseparavel duma afirmação de autenticidade humana.

—Já manifestada?

—Manifestada em parte por aqueles que em volta da Seara Nova se reuniram — estes principalmente no campo de critica social — em parte por todos que, porque colaboram na Presença, é costume designar como grupo da Presença — e estes unicamente no campo da literatura e das artes — assim é que um movimento se ergueu e alastrou, tendendo, em todos os campos, a dignificar a cultura, pugnando pela vivificação de todas as formas de expressão, na critica como na pura criação.

E, atacando:

—Mencionarei ainda, em síntese: na poesia, o anti-academico, a repulsa pelo gosto dos feitos bombásticos e pelos pseudo-liricos derramamentos de piegas, pelo sub-sentimentalismo (o qual é uso confundir com lirismo); no romance, registarei a ofensiva contra o culto da banalidade engastada em rebuscar de adjectivação, em contorsionismos de forma (e o furor do vernaculismo, anquilozando a lingua).

«Em resumo: vê-se em todos os campos uma inquieta ansia de superar as tradições puramente formais, o automatismo esteril, para atingir uma verdadeira expressão da altitude dramatica da vida. Se é preciso — por mau que isso seja — uma formula, ela aí vai: a actual literatura portuguesa revela, através das personalidades que a representam, um humanismo criacionista.

—O valor da poesia? Novas formulas poeticas.

—Equivocam-se os que pensam tudo aclarado com esta afirmação: a poesia actual caracteriza-se pela invenção de umas formas poeticas. A unica verdade é a poesia procurar libertar-se de quaisquer formulas.

«Significa isto que se tenha tornado anarquica? Penso que não, e que simplesmente se libertou de regras, de convenções, que eram apenas tradição caduca, que nada tinham com a essencia da poesia. Aos poetas não conformistas de hoje, nenhuma aversão pela medida e pela rima, ou pelo soneto, a ode, etc., os cega (pois se de tais formas tantas vezes se servem!). Sucede, porém, que tais formas e formulas não são indispensaveis, poi não têm, em si, qualquer valor. Qualquer forma vale o que vale quem deia se utilizou. E' claro que, com a terrivel praga formalista que desde a Renas-

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

O libelo de Heinrich Mann

Poucas vezes a linguagem escrita terá servido para articular um libelo da intensidade dramática e humana que transparece nas páginas do «Odio» de Heinrich Mann. O famoso escritor germanico, exilado da sua patria que entranhadamente adora e muitas vezes tem honrosamente representado, apresenta um depoimento consciencioso e singelo dos perigos que a ameaça hitleriana faz correr a todo o mundo.

Algumas das paginas, que sentidamente escreveu ao abandonar a Alemanha, ficaram como um documentario precioso da época que atravessamos.

Para isso o autor não precisa de exagerar nem os factos nem as expressões; a verdade, em todo o seu crudelissimo realismo, basta-lhe para conseguir o objectivo que se propôr.

Como não podia deixar de ser, Heinrich Mann analisa as repercussões que o advento do nazismo veio trazer para o plano da vida internacional. Os covardes, os traidores e os acomodaticios são objecto da sua colera; mas a principal preocupação que domina e valorisa o trabalho que nos apresenta, consiste em denunciar a humanidade, porventura ignorante ou despreocupada, todas as ameaças que entraram de a acompanhar sob o signo suástico.

Escrevendo em francês o seu testemunho, Heinrich Mann confessa, orgulhosamente, que guarda toda a sua sinceridade pessoal ao mesmo tempo que vela para que se não apaguem de vez algumas faúlhas da verdade alemã e humana.

O seu depoimento de clerc, penetrado da missão redentora da intelligencia, afirma uma generosidade espiritual e uma altura que o aproximam, insensivelmente, do sacerdocio. Acreditando na efficacia do esforço literario, Heinrich Mann pensa e proclama que os homens do futuro só poderão elevar-se até a perfeição da justiça, se os homens do presente souberem manter integra a linguagem da verdade.

Romain Rolland

Romain Rolland continua a publicação das suas memorias com o título «Quinze anos de combates». O segundo capítulo da obra, aparecido numa grande revista de cultura e divulgação, é intrinsecamente consagrado ao estudo das influencias de ordem externa que determinaram a evolução espiritual do autor do «Clerambault».

Como exame de consciencia o trabalho oferece incontestavel interesse, tratando-se duma personalidade que tem exercido uma

influencia decidida na marcha do pensamento europeu.

Sobretudo as paginas dedicadas á revelação do fenomeno hindu e da acção do Mahatma, podem ser lidas com manifesta vantagem por quem pretenda documentar-se sobre as grandes correntes intellectuais do nosso tempo, a sua origem e as suas consequências.

Romain Rolland atravessou, segundo a sua propria confissão,

uma grave crise no periodo agitado de 1922 a 1927, procurando sair dela pela conquista duma nova mística que encaaminhasse na terra os seus ultimos anos. Quando se passa dos sessenta e, como ele diz, se está proximo da porta de saída, o esforço feito, para a conquista das grandes certezas da intelligencia e da alma, aparece animado por uma sinceridade da qual ninguém legitimamente pode duvidar.

Romanticos

Quasi coincidindo, aparecem a «Correspondencia», de Vigny, com comentarios e notas de Baldensperger, e de Belzac a «Correspondencia inédita com M.me Zulma Carraud».

Assim os romanticos, poetas e novelistas, continuam a ser o filho inexgotavel para as grandes analyses de fundo psicologico, e para as revelações de intimidade e sentimento que a critica, como o grande publico, apreciam no seu verdadeiro valor.

Duas personalidades que tanto viveram pelo coração, e da sua propria affectividade fizeram um tema para composições admiráveis, bem merecem o escrupuloso carinho que anima biógrafos e investigadores a procurar na sua existencia novos motivos de admiração.

A «Correspondencia» de Vigny, além das marcas inevitáveis do seu espirito superior, encerra uma série enorme de esclarecimentos e informações sobre as obras do poeta, os escritos, os grupos, as revistas literarias e o teatro do tempo.

Quanto ao valc: inestimavel da «Correspondencia de Balzac com Madame Carraud» basta dizer para se avaliar da sua importancia que foi a esta senhora que o grande escritor francês dedicou a «Casa Nucingen».

Duma maneira geral, aparece toda ela animada pela atmosfera de superior convivencia intelectual característica de tantos salões e de tantas casas modestas no periodo romantico.

Estados Gerais da Juventude

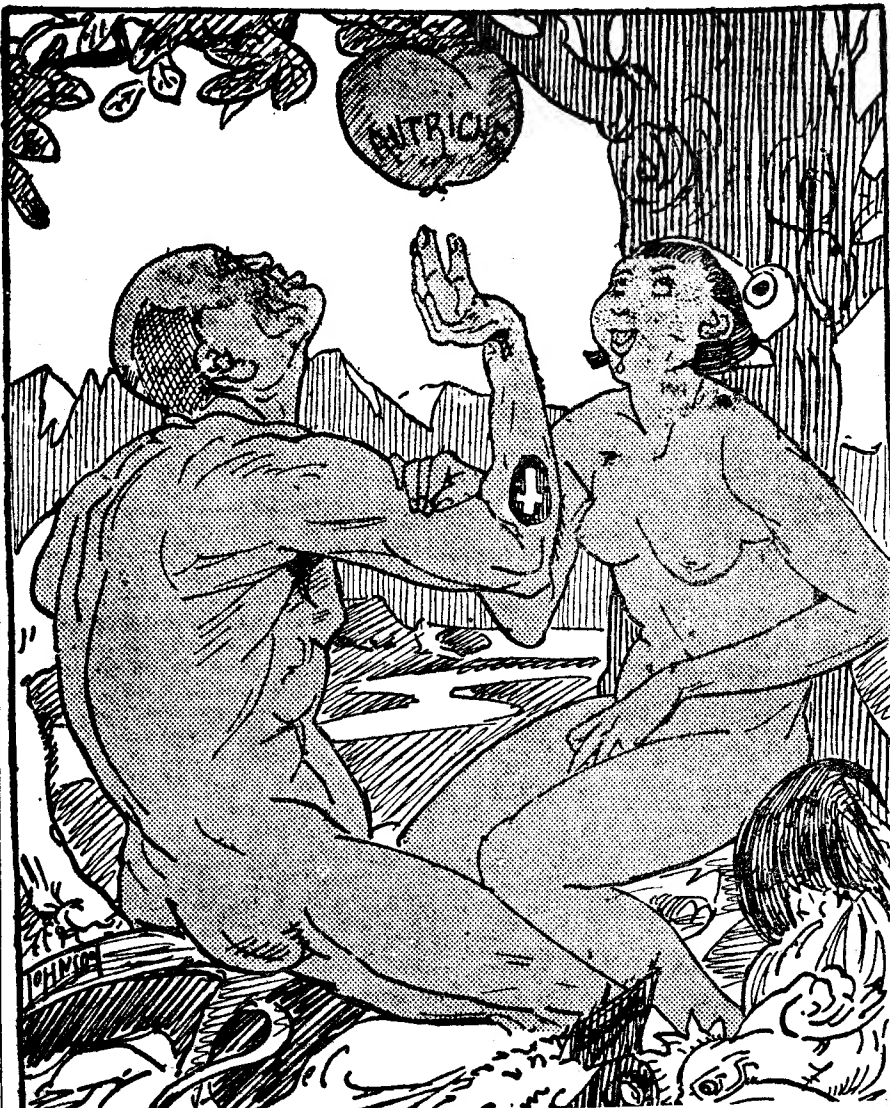
A revista «Esprit» occupa-se, em varias notas de evidente importancia, do «Estados Gerais da Juventude», quatro dias de sessões, agitadas em que a gente nova procurou fixar um rumo ideologico certo, ou pelo menos estabelecer uma formula de concordia e união que pudesse encaminhar os seus passos nos tempos agitados que estão decorrendo.

Mesmo entrando em linha de conta com o desinteresse e a sinceridade característicos da idade, os jovens que ansiosamente se reúnem para verificar os pontos de contacto existentes entre as doutrinas que professam, não puderam ir muito além duma afirmação clara de boa vontade.

Numa coisa parece terem estado todos de acôrdo: em proclamar o seu horror pela guerra, e o seu desejo de ver resolvidas pelos meios pacíficos os diferendos entre povos.

Quanto á apreçoada mística da juventude, de que tantas vezes se fala, demonstrou-se á evidencia que ela não existe, pelo menos como manifestação duma unidade de vistas á volta de qualquer programa ou de qualquer plano concreto de realizações.

NO PARAIZO FRANCO-ITALIANO



A França — Sé galante, Benito, deixa-me ser a primeira a morder!

A ALMA NUMA FLOR

(Continuação da 4.ª pagina)

petalas aveludadas. Regava-a com pontualidade, ao principio da tarde, sempre receoso de que o frio da manhã lhe fosse prejudicial.

Passava, enfim, o melhor da sua existencia, entregue á doce contemplação daquele vegetal inerte, onde residia afinal a alma da mulher.

Quasi voltou a ser feliz. E foi esse principio de felicidade que começou a preocupar a familia. Em breve os neurologistas consultados aconselharam novo casamento. A principio resistira, mas uma pequena traição acabou por resolve-lo: é que a noiva escolhida tinha uma semelhança extraordinaria com a «sua flôr». Ao fim de seis meses tudo estava preparado para o matrimonio. Na nova residencia, ocupando lugar de honra numa sala de que só ele possuía a chave, a «sua flôr» continuava a viver...

Após a cerimonia nupcial, sozinho, com o risinho infantil do garoto que preparava a maldade inofensiva, dirigiu-se ao quarto da flôr. Nervosamente abriu a porta.

Com grandes gotas de suor frio a caírem-lhe da fronte e os olhos desmedidamente abertos para mim, concluiu a sua narrativa impressionante, numa agitada alucinação:

—Estava seca! Morreria... O novo casamento separou-me daquela alma para sempre.

Foi a mulher, com os olhos razos de agua, que acabou de explicar-me:

—Os factos que lhe contou representam a realidade pura. Com efeito, a planta, que na véspera de nos casarmos estava viçosa e bela, encontrava-se murcha quando ele entrou na sala. As petalas da flôr tinham amarelado e as folhas, habitualmente verdes, estavam lívidas e e caídas. Não pode imaginar o que se passou então. Aquele pobre espirito, enfraquecido por alguns meses de obcecção constante, sofreu um abalo que o revolucionou profundamente. Dizem os medicos que só um grande repouso o poderá livrar da loucura definitiva. Foi por isso que viemos para aqui. Mas ele não pode viver na vizinhança de flores. A vida nesta casa é insuportavel. Devemos retirar-nos assim que tenhamos resposta da familia.

Chorava baixinho, e enquanto a enfermeira amparava o doente e o medico lhe injectava um calmante, perguntou-me, com voz quasi imperceptivel:

—Diga lá, o sr. acha possivel a existencia de alma numa flôr?

MARIO NEVES



O equilibrio instavel da paz

(Da «Tribune des Nations»)



—Que é isso?

—O suor dos diplomatas que se esforçam por impedir a união da Austria á Alemanha.

(Do «Kladderatsch»)